

CATHOLICISMO BURGUEZ

TRISTÃO DE ATHAYDE

Tenho por varias vezes, e até em livro especial sobre o thema, accentuado que a meu ver uma das causas primordiales dos males de que soffre a sociedade contemporanea é a concepção burgueza da vida.

Não vou repetir aqui o que já tenho procurado analysar demoradamente. O que desejo agora é fixar, por alguns momentos, a attenção do leitor, e a minha propria, sobre um dos aspectos ainda pouco estudados desse burguezismo moderno: sua actuação nos meios catholicos.

Comecemos por definir, ao menos nominalmente, o que entendemos por catholicismo burguez. Não é de modo algum o catholicismo tal como é praticado nos meios burguezes. Affirmar o contrario seria um erro e uma injustica. Já tive occasião de esclarecer que o sentido em que emprego o termo **burguezia** é muito diverso daquelle em que o empregam os socialistas. Estes confundem, totalmente, a classe e o espirito. A burguezia, como classe e a burguezia, como estado de espirito, são para elles uma só coisa.

Ora, entendo ao contrario que são duas coisas distinctas que podem ou não confundir-se na mesma pessoa. Póde-se pertencer á burguezia, sem ter o "espirito burguez", como é possivel possuir esse espirito sem pertencer á classe burgueza.

O catholicismo burguez, portanto, não é o catholicismo da burguezia — como seria se fosse verdadeira a confusão dos termos feita pelos socialistas. A Igreja não faz distincções de classes e sim de valores. Para ella não ha classes privilegiadas nem classes condemnadas, como ha para os fendaes ou para os socialistas. Ha homens bons e máos em todas as classes. E em todas ellas, póde-se perder ou salvar a propria alma e as do meio em que actuamos.

O catholicismo na burguezia, portanto, não é inferior ao das outras classes. Póde-se, ao contrario, dizer que é na burguezia que vamos encontrar, ha dois seculos, os mais ardentes e audazes defensores e propagadores da fé christã.

Agora, foi no seio dessa burguezia, que ha seculo e meio domina o mundo moderno, que se formou esse estado de espirito particular,

provocado pelo curso de idéas liberaes e democraticas, que creou em um numero consideravel de membros dessa classe um determinado "estado de espirito", que por ser da maioria dessa classe podemos chamar de burguez.)

E esse estado de espirito burguez é que desejamos hoje examinar nos aspectos que assume entre os catholicos.

(Varios symptomas) nos revelam a contaminação desse mal terrivel nos meios catholicos e em muitos catholicos individualmente, que eu chamaria:

- a diminuição das verdades,
- a inibição das vontades,
- o desperdicio das actividades,
- a cumplicidade com os adversarios.

Analysemos rapidamente cada um desses aspectos do burguezismo catholico, que é, sem duvida, um dos toxicos mais perigosos que dissolvem os tecidos do nosso corpo catholico e mais difficultam a actuação da Igreja no mundo moderno.

DIMINUIÇÃO DAS VERDADES

Esse mal se manifesta logo pela mediocridade que a tudo communica. A preocupação maxima do catholico-burguez é não chocar a ninguem, o que em principio pôde ser até muito louvavel. Mas leva essa preocupação a verdadeira mania. Procura dar o minimo de provas possiveis de sua fé. Condemna o uso de qualquer distinctivo. Acha que á missa só se deve ir aos domingos. E nos domingos só se deve ir a uma missa tardia, não só porque é mais commodo, mas ainda para não dar na vista. (A missa cedo, para o catholico-burguez, é um signal de exaggero. Essa palavra é a que mais accóde aos labios do catholico burguez, quando julga os que procuram honestamente attender aos seus deveres, com um pouco de espirito apostolico. Para o marido catholico-burguez que vê a mulher ir a circulos de estudos, pertencer á "L. F. A. C.", frequentar cursos, tudo isso é um "exaggero", que pôde tolerar por condescendencia, mas não pôde comprehender. E assim se dá em todas as familias de espirito-burguez, onde algum membro tem o topete de romper com esses tabu's, que tanto mal têm causado. O catholicismo, nesses ambientes, assume um aspecto puramente convencional. E' um habito como outro qualquer. Baptizam-se as crianças que nascem, (quando essa "catastrophe" cáe sobre um lar de luxo, que um "baby" vem incommodar por alguns mezes...), como se applica o B. C. G. na hora de nascer. E para muitos o B. C. G. é infinitamente mais importante, pois preserva da tuberculose, ao passo que o baptismo é uma

cerimonia meramente mundana, como a primeira communhão ou as missas de setimo dia.

Em tudo, nesses meios, respira-se a mediocridade religiosa. As casas não ostentam mais nenhum symbolo religioso. A imagem do "Sagrado Coração" não quadra mais com os moveis modernos e vaee sendo relegada de quarto em quarto, até parar no sótão, ou ser dada a alguma criada piedosa, em quem as verdades catholicas ainda não soffreram diminuição alguma e que, em muitas casas, representa o ultimo refugio de Nosso Senhor na mansarda ou no porão. Para os patrões seria uma vergonha ter na sua sala de visitas, como qualquer casa "dessa gentinha", um quadro religioso...

Todos os sacramentos são diminuidos para esse burguezismo catholico. O baptismo é demorado, contra as indicações da Igreja, para dar "mais brilho á festa". O chrisma não se sabe bem para que é, de modo que passa despercebido. A communhão é reservada ás crianças e quando muito ás mocinhas. Os rapazes que communham são uns phenomenos que a familia catholico-burgueza olha com desconfiança, espionando cuidadosamente o seu correio e os seus amigos, para ver se não tem algum "bandido" de um padre ou algum "miseravel" companheiro, que esteja desviando o rapaz do caminho da virtude (o "bom emprego", o "casamento rico", os "bons negocios") para desencaminhal-o para a perdição de algum... convento. E quando os paes catholico-burguezes descobrem essa desgraça, ameaçam céos e terras, vão á Policia, e escrevem cartas anonymas á "Patria" denunciando a "quadrilha jesuitica" que desvia os menores para as masmorras do claustro...

O sacramento da Ordem, para o catholicismo burguez, é diminuido como os demais, reduzido a uma "desgraça" para as honrabilissimas familias burguezas.

Se o catholico-burguez não communga, tambem naturalmente não se confessa. E começa então a descobrir razões que mostrem a inutilidade e até mesmo a nocividade das confissões, feitas não se sabe a quem, etc. etc. A Eucharistia e a Penitencia perdem totalmente o sentido para esse genero degenerado, mas tão commum, de "catholicismo".

A mortificação é coisa que não passa sequer pela sua mente. Ha, na Quaresma apenas, uma obediencia apparente á lei do jejum, não porque seja um periodo de mortificação dos sentidos mas apenas porque... ajuda a emmagrecer. E a grande preocupação das mocinhas catholico-burguezas é conservar a esbelteza das fórmãs. E

por isso mesmo é que praticam, abertamente, quando se casam, o anti-concepcionismo (a não ser a censura que fazem aos padres de se metterem por esses terrenos intimos, "em que nada têm que ver" e o pretexto que dão de, por esse motivo, se afastarem pharisaicamente dos confessionarios...) — o anti-concepcionismo, grangena pavorosa que vae lentamente matando o Occidente e "a Raca Branca", com o apoio entusiastico dos Eugenistas norte-americanos e das Feministas escandinavias.

E até perto da morte, passa a Extrema Unção a ser um ritual vazio e desnecessario, que se deve quanto possivel evitar para não chocar o doente. Nos quartos dos moribundos, nas familias catholico-burguezas, passa-se quasi sempre a scena lamentavel do parente ingenuo que lembra a vinda do padre, e a opposição do medico livre-pensador que "não se responsabiliza" pelo desfecho da crise, se o padre entrar no quarto do doente e o protesto dos parentes mais intimos que fazem côro com o medico, "para não assustar" o agonizante. Interesses da alma, anseios intimos, deveres para com a Igreja, exigencias da doutrina, nada influe, junto ás preocupações egoisticas de não chocar, de não assustar, por vezes, de não desagradar ao Dr. M. ou ao cirurgião X.

Se a vida da graça é a vida dos sacramentos, se nella tem a Igreja a sua expressão mais perfeita, — o que vemos no catholicismo burguez é a corrupção de tudo isso, o desvirtuamento de todos os sacramentos, a diminuição de todas as verdades christãs. E a doutrina de Christo, que é uma penetração continua da vida sobrenatural na vida natural do homem e da sociedade, fica reduzida a meia duzia de formulas banaes, repetidas sem qualquer convicção; ao culto um tanto supersticioso dos Santos padroeiros; ás missas mundanizadas; ás exterioridades do ritual de certos sacramentos.

Tudo mais, na vida do catholico-burguez, é o mesmo paganismo daquelles que não têm senão a religião dos sentidos e dos instinctos e julgam-se superiores aos crentes, por "não terem religião alguma".

Essa diminuição de verdades póde ainda assumir outro aspecto. Já não se trata então desse catholicismo não praticante e apenas de rotulo, que prolifera hoje nos meios da burguezia rica, para a qual a disciplina da pratica religiosa viria impedir a pratica livre de uma vida, quando não de franca dissolução de costumes, ao menos de luxo, de commodismo e de indiferença religiosa. O outro meio em que tambem vemos o catholicismo burguez provocar uma diminuição das verdades christãs análoga a essa — é em certos ambientes de catholicos praticantes, em que a vida religiosa assume aspectos es-

treitos e mesquinhos. Tudo ahi respira o máo gosto, o sentimentalismo banal, a incompreensão do mundo, a infinita e irremediavel mediocridade. São incontestavelmente meios muito superiores aos primeiros, pois nelles se respeita escrupulosamente a lei catholica e os sacramentos são recebidos com toda a devoção e assiduidade.

Logo, porém, que saímos, nesses meios, da pratica religiosa efectiva, sempre tocante e muitas vezs mesmo edificante, — caímos numa tal irradiação de mediocridade, que nos deixa desanimados, quando não revoltados. Pois quasi sempre essa mediocridade provem de uma pretensão a invadir terrenos fóra do alcance de sua capacidade intellectual. E como nesses meios se pensa, frequentemente, que basta a boa doutrina, para permittir todas as audacias literarias ou sociaes, — o espectáculo que offerecem é lamentavel e mesmo francamente criticavel, pois essa intrusão póde trazer as peores consequencias para a propria Fé. Não é a boa moral de um romance, por exemplo, que torna literariamente bom um romance. Mas o catholico-burguez, desse novo typo, julga que basta fazer um romance-moral para que saia bom romance. E o resultado são essas obras que resultam em desprestigio da propria Fé, pois attribue-se logo a vulgaridade da obra, não á mediocridade do seu autor, mas aos effeitos perniciosos que a Fé provoca, como limitação de faculdades, de intelligencia, de liberdade esthetica, etc., na cabeça do autor.

E o que se dá, em materia literaria, dá-se em tudo mais, em politica, em jornalismo, no magisterio, na vida domestica, em toda a parte e em todas as actividades. E o catholicismo assim banalizado, mediocrizado, assucarado, diminuido em sua força por vezes aspera, e em sua belleza, por vezes agreste, — passa a ser, aos olhos de muitos espiritos desviados, mas de boa fé, uma expressão apenas de sentimentalismo xaroposo e de decadencia da varonilidade da raça.

O mal que póde fazer á Igreja e á Fé, verdadeiras, a honestidade unctuosa dessa fórmula de catholicismo burguez, que se encontra em geral nas classes médias da sociedade, não é menor do que o mal praticado pelo paganismo latente e egoista, da primeira especie descrita do catholicismo burguez, das classes ricas.

Em ambos, a mesma diminuição de verdades, a mesma diluição da doutrina forte da Igreja Catholica, para adaptal-a á anemia religiosa de um catholicismo sentimental, beato e desfibrado.

INHIBIÇÃO DE VONTADES

Esta é consequencia daquella. Onde se diminuem as verdades,

enfraquece-se também a força da deliberação e da acção. As vontades perdem a sua resistencia e variam de accordo com as modas de momento, as attracções soffridas, as seduccões mais fortes. A vida perde a sua finalidade suprema. Quem fôr perguntar, num meio catholico burguez, qual é o fim ultimo da vida, não encontrará certamente duas respostas identicas. E se lembrar aos presentes que S. Thomaz dá como fim ultimo á vida a "assimilação a Deus", um silencio glacial senão alguns sorrisos de ironia mostrarão a imprudencia de falar em corda na casa de enforcado...

Com essa ausencia de uma doutrina da finalidade, indispensavel para dar unidade e governar os nossos actos — dispersam-se estes ao sabor das circumstancias. E o catholicismo burguez oscilla desorientado, acompanhando os acontecimentos e não dominando-os, como poderia fazel-o, ao menos em espirito. Pois o que a Igreja nos ensina é que podemos ser vencidos, exteriormente, pelos acontecimentos e reduzidos á expressão mais miseravel da vida, — mas se conservarmos a nossa alma unida a Deus, nossa vontade fixa no Bem Supremo, nada poderá attingir essa liberdade suprema do nosso espirito.

O catholico-burguez, ao contrario, cuja vontade vacilla ao sabor dos acontecimentos e não tem unidade alguma em seus actos, é praticamente um vencido, mesmo espiritualmente, e com a sua derrota arrasta o destino de muitas almas. Pois um catholico abatido pela vida é um pessimo testemunho das verdades e das promessas eternas que Jesus Christo nos deixou.

O catholicismo-burguez, portanto, diminuindo o theor da vida catholica, diminue também a força das vontades e das realizações. A vida profissional, para os homens, a vida mundana, para as mulheres — tiram a fibra de uma actividade que devia ser posta sempre, antes de tudo, a serviço da Igreja. E provoca então, outro dos efeitos desastrosos dessa corrupção da verdade catholica nos espiritos.

O DESPERDICIO DAS ACTIVIDADES

O catholicismo burguez ainda não comprehendeu o sentido da Acção Catholica. Nos melhores dos seus elementos, vê com desconfiança essa "novidade". Habitados á pratica individual da piedade, julgam-se perfeitamente quites com sua consciencia desde que leverem uma vida recta e pratiquem honestamente a sua vida religiosa. E'

muito, sem duvida, e fizessem todos o mesmo, e já teriamos meio caminho andado. Mas não basta. A acção catholica não é uma vaga recommendação da Santa Sé. Não é um simples conselho, para uma santificação maior das almas. Não. Já hoje constitue a Acção Catholica um preceito a que temos de obedecer, em consciencia, em face das inequivocas declarações do Santo Padre. E' tal a situação da Igreja no mundo moderno que está exigindo de todos os catholicos, uma parte de sua actividade em beneficio da evangelização do mundo.

Já não se admittem hoje, para as consciencias catholicas realmente escrupulosas, posições como a que descrevi, de pura devoção individualista. A oração em commum, isto é, a vida liturgica em sua expressão mais simples, é tão fundamental quanto a acção em commum ou seja a Acção Catholica, para o catholicismo que não se deixa contaminar pelo burguezismo ambiente.

E, no emtanto, esse catholicismo burguez ainda não comprehende tal coisa. Critica, mesmo, quem o faz e equipara a acção catholica a essa "caridade mundana", que é tantas vezes pretexto para simples exhibições de nomes, e apanagio do mundanismo não catholico ou pelo menos mais gravemente atacado desse burguezismo catholico, que venho descrevendo em suas linhas geraes.

Vemos, portanto, nesses meios catholico-liberaes uma incompreensão generalizada da acção catholica. E com isso, um grande desperdicio de actividades. O veneno da educação burgueza — que prepara as moças para uma vida de inutilidade e de devaneios, de prazeres e de futilidades e os homens para o pragmatismo profissional e para a licença de costumes — contaminou de tal modo os proprios meios catholicos, que o mal hoje é grave e extenso.

As forças vivas desse meio, as moças e os moços, os adultos em suas horas de recreio ou de repouso, não procuram applicar-se ás obras sociaes exigidas pelo bem da sociedade e pelo destino da Igreja, sem falar nas claras determinações de Nosso Senhor. Desperdiçam-se em visitas, em jogo, em dansas, em passeios que no minimo são perfeitamente inuteis. E' desolador o espectaculo desse immenso desperdicio de forças, de enthusiasmos, de talentos, de illustrações verdadeiras — positivamente "postas fóra" em uma verdadeira bacchanal de inutilidades, feitas apenas para "passar o tempo", para occupar os "lazerés", para "divertir". E' com a morte na alma que vejo, todos os dias, esse espectaculo de uma força immensa que se gasta e se perde, quando as obras catholicas progridem lentamente

ou decaem por falta de gente, por falta de dinheiro e sobretudo por falta de amor.

O descaso desse burguezismo catholico pela accção catholica é criminoso e suicida. Quem se occupa com essas obras é que conhece a sovinice, a avareza, as desculpas esfarrapadas de millionarios que se dizem "catholicos", que tremem de horror ante a ameaça de se verem desapropriados ou liquidados pelos communistas, e que no entanto regateiam os seus donativos a qualquer obra de caridade e quanto ás obras de accção social (não directamente caridosa, no sentido vulgar da expressão) então, fecham-se em suas torres de marfim e pingam a contra gosto algumas gottas que sobraram, das grandes libações que fazem, geralmente, a certos deuses e deusas da mythologia...

Mas não é preciso ir até esses grandes demolidores da civilização burgueza e cúmplices das ameaças que pesam sobre os elementos christãos da civilização moderna — para se assistir a esse lamentavel desperdicio de actividades, que caracteriza o catholicismo burguez. Por toda a parte, vemos occupados em banalidades e divertimentos, toda a flor physica e intellectual de uma sociedade — que passa quinze annos de sua vida, preparando-se cuidadosamente para esse immenso vasio de toda uma existencia — ao passo que milhões de homens, mulheres e crianças soffrem miseria, vivem na incerteza do dia de amanhã e preparam-se, muitos delles, para assaltar violentamente um poder, que os seus detentores, na maioria dos casos, não têm mais a força moral para conservar.

Esse desperdicio de actividades, nos meios burguezes catholicos, essa vida ociosa que caracteriza a maioria das suas mulheres, essa vida pratica, exclusivamente voltada para o dinheiro e o prazer animal, da maioria dos seus homens, — constituem um dos phenomenos mais graves da contaminação que nos proprios catholicos produziu a concepção burgueza da vida. Mesmo deante da morte, das ameaças de toda sorte, dos prenuncios das mais tremendas catastrophes, muitos desses infelizes continuam a dormir acordados, a desperdiçar loucamente o patrimonio material e moral, que gerações e gerações lhes legaram.

CUMPLICIDADE COM OS ADVERSARIOS

Era fatal que de todo esse desvirtuamento do catholicismo, que vemos em certos meios burguezes, derivasse esta cúmplice que

se observa, entre catholicos burguezes, a todas as theses de nossos adversarios.

(A mais frequente dellas é o divorcio.) E' uma praga que prolifera nesses meios, pois é molestia de gente rica. O pobre pôde não ser mais moralizado, mas ao menos não procura esconder as suas fraquezas. E' realmente de arripiar os cabellos, como ha tempos me dizia o nosso Juiz de Menores, conversar com os menores abandonados que por lá apparecem diariamente. Todos são filhos de lares dispersos, de mães que vivem com "protectores", de paes que largaram o lar, de toda a sorte de infelicidades domesticas ou de ligações não legalizadas nem sacramentadas.

Mas os ricos não toleram essa desordem. E querem gozar da "respeitabilidade" (virtude burgueza por excellencia) do casamento, sem que lhes pesem demais os seus onus. E dahi o divorcio, a legalização indefinida dos casamentos successivos, com o beneplacito do Estado e a tolerancia dos salões.

O divorcismo está na linha da decadencia dos costumes nesses meios catholico-burguezes. De modo que se torna cada vez mais frequente o encontro desses casaes da mão esquerda, que se consideram "catholicos, como todo o mundo"... mas que acham o divorcio uma "necessidade social", uma "moralização da familia" (repetindo, sem querer, o que dizem os socialistas hypocritas), ou pelo menos uma "fatalidade inevitavel". E a attitude da Igreja é considerada, por esses catholicos que não faltam á missa das 11, nos domingos, como sendo anachronica e em breve abandonada, por inapplicavel.

E o que se passa com o divorcio passa-se com as demais theses naturalistas, e materialistas.

(O estrago que o socialismo, por exemplo, tem feito nos meios catholico-burguezes, é consideravel. O catholico-burguez, ou critica a Igreja porque vae demais para a esquerda ("Pio XI parece um communista escrevendo", já ouvi eu dizer a um catholico, ao ler a "Quadragesimo Anno") ou censura a timidez social da Igreja e considera o socialismo e até o communismo como inevitavel. Nos salões, onde vivem em geral esses catholico-burguezes, sustentam-se as theorias sociaes mais avançadas. Só não se sustentam as theorias sociaes... da Igreja.)

Em politica dá-se o mesmo. O catholicismo burguez, ou censura a Igreja porque "se mette em politica" ou critica a Igreja porque age sem vigor, sem audacia, sem unidade e sem eficiencia pratica. E, sendo assim, joga-se nos partidos politicos, sem a minima preoc-

cupação pela doutrina catholica em materia politica e ignorando mesmo que exista tal doutrina. E todas as accusações dos nossos adversarios, para com a Igreja, encontram immediatamente éco nesses catholicos, sempre promptos a se collocarem ao lado dos adversarios, para passarem por "espiritos largos", por intelligencias "liberaes", por "modernos".

Encontramos, pois, nos meios catholicos contaminados por esse espirito burguez, as maiores condescendencias com muitas das theses sustentadas contra a Igreja: o divorcio, o anti-concepçionismo, o anti-clericalismo, o socialismo de salão, o liberalismo, o proprio laicismo, são theses sustentadas em muitos meios catholicos, ora por ignorancia, ora por contaminação de burguezismo catholico.

Eis ahi, em poucas palavras, o que me parece essencial sobre essa face de um mal que o espirito do seculo XVIII inoculou na civilização e que foi a philosophia da vida de uma classe que hoje está desaparecendo ou se transformando radicalmente.

E' preciso diagnosticar as molestias para cural-as. Precisamos conhecer bem a fundo a extensão desse mal, que atacou a tantos meios catholicos, para podermos trabalhar pela sua cura.

E o primeiro passo para esta é sabermos que o lugar onde primeiro precisamos combater esse burguezismo catholico, é o nosso proprio coração. Estamos todos mais ou menos contaminados pelo mal e não devemos nem nos julgar pharisaicamente isentos, nem cruzar os braços, como o falso publicano.

O mal é grave, mas curavel. E depende a cura da coragem com que soubermos enfrentar o curso da molestia. Não se trata de julgar possivel a sua eliminação total.

Mas os progressos já alcançados, pelo desenvolvimento da Acção Catholica no Brasil e pela consciencia que dia a dia vae despertando no nosso catholicismo — autorizam-nos a não desanimar. E' preciso combater o catholicismo burguez, com a mesma decisão com que combatemos o peccado em nossas almas. Pois, se elle não representa, propriamente, em nós ou nos meios que frequentamos, um triumpho do Peccado, representa qualquer coisa porventura mais perigosa do que elle: o entorpecimento das virtudes.

O ANNO LITURGICO

D. ODO CASSEL, O. S. B. (MARIA LAACH)

Com o primeiro domingo do advento iniciamos, annualmente, um novo anno liturgico. A circulação recomeça de novo e lentamente prosegue. Este recomeçar terá tão sómente uma razão pedagogica? A repetição segundo um aphorisma antigo, é mãe de toda a sciencia. Talvez não lucrámos sufficientemente do anno liturgico transacto e por isso a santa Igreja nos offerece mais uma vez a oportunidade de com ella convivermos. Certamente a santa Igreja, mestra avisada, terá razão para tal. Devemos mais e mais, emquanto Deus nos prolongar a vida, celebrar o anno liturgico até que o seu conteúdo seja propriedade nossa, até que o houvermos exgotado totalmente. O descuidado por nós nos annos anteriores seja agora reparado e preenchido. Mesmo que o tenhamos vivido plenamente, ainda assim é mister que o vivido e adquirido com labor seja aprofundado. Como só lentamente, a pouco e pouco, podemos conseguir por entre os caminhos espiraes que rodeam um monte, alcançar o alcantilado cume, assim, por igual maneira, devemos palmilhar outra vez o caminho do anno liturgico, porém sempre e sempre mais alto, até que atinjamos o termino, o nosso fim, o proprio Christo.

Porém, o motivo pedagogico não póde exgotar a razão de ser da repetição do cyclo liturgico. Pois propriamente, não somos nós, homens imperfeitos, os portadores do anno liturgico; mas antes, nelle, nós nos unimos a um Principio, a um Agir superior. O guia genuino do anno liturgico é Jesus Christo mystico, glorioso, em união com a sua Esposa, a santa Igreja, que essencialmente já está no céu, como S. João a contemplou: "Eu vi a cidade santa, a Jerusalém nova, que descia do céu, vinda de Deus, preparada como esposa que se adorna para o seu esposo" (1).

Por isso, na epistola aos Galatas S. Paulo a denomina "Jerusalem do alto, a livre, que é a nossa mãe"! Por identica razão os padres falam da "Igreja celeste" (por exemplo, Tertuliano no capitulo 15 sobre o baptismo: "una ecclesia in caelis"). Onde poderá estar

1. Apoc. 21, 2.

a esposa senão junto do esposo que se assenta á direita de Deus e permite á esposa que com Elle reine: "Deus nos convivificou em Christo, e com Elle nos ressuscitou, e nos fez reinar nos céos com o Christo Jesus". Esta Igreja está intimamente unida a seu Senhor e não celebra os seus mysterios descuidosa, incompleta e imperfeitamente, mas ao invés, possui na força do Esposo sempre presente e em união com Elle, a plenitude dos mysterios. A Igreja, cuja cabeça immerge na eternidade, embora tenha a terra por escabello — porque o numero dos seus eleitos ainda não está completo — não é attingida pelas eternas vicissitudes como é essencial ás coisas creadas. A natureza eternamente ressurte, flue, prosegue, desvanece, parture e fenecce. Christo, porém, e a Igreja pairam acima da natureza, no imperio do eterno espirito; sua vida é isenta das perpetuas mudanças, dos eternos vae-vens. A expressão "anno liturgico" não nos deve induzir a conceitos naturaes do Reino de Deus. (2).

Quando fala a Igreja de um anno liturgico, ou melhor, no dizer dos antigos, de um "circulo liturgico" (anni circulus) tem em vista outras idéas. O circulo é para os antigos precisamente o contrario de toda a evolução; algo de perfeitamente completo em si mesmo, o symbolo do eterno e divino. No circulo não ha parte alguma precedente ou subsequente á outra, maior ou menor do que a outra: ahí reina absoluta igualdade e unidade.

O circulo não tem começo nem fim. Elle está fechado em si mesmo, e comtudo expande-se em todas as direcções, unindo assim a mais perfeita quietude com a força mais expansiva. O circulo, portanto, representa a vida, mas uma vida sem evolução nem crescimento, vida eterna, plenitude (pléroma). Circulo e esphera são symbolos da perfeição eterna. O cyclo sagrado, portanto, nos fala do que é eterno, não da vida da natureza que hoje medra, amanhã floreja e frutifica para logo murchar e fenecer. Por isso, não ha morte no anno liturgico, mas só vida, mesmo depois da morte. A natureza possui um que, uma sombra de eternidade, mas se depois de emurhecida e morta ella revive, é para novamente morrer. Quão ephemero é o florir e quão longo o definhar e morrer! No anno liturgico não ha inverno. Comtudo, se elle sempre de novo principia, se um circulo a um circulo se succede, para formar assim um outro circulo, é que essa repetição deve realçar o divino do mysterio. Sto. Ambrosio em um hymno matinal chama o Christo "o verdadeiro dia, o dia que aclara o dia, o verdadeiro sol que reluz no esplendor eter-

2. Cap. do livro "Kulturbetrieb der Kirche", de D. Odo Casel, O. S. B. (Koesel & Pustet — 1931).

mjs

no". "Christo é, portanto, o dia que scintilla num scintillar eterno, "luz que não conhece occaso", como se diz na liturgia grega. Christo é o verdadeiro anno, o dia, a era mundial, ou, com mais acerto, o Senhor das eras mundiaes. Não porque haja Nelle mutabilidade como no tempo natural, senão porque é Elle-vida e luz, sem inverno, sem noite, sem morte. Christo, o Salvador das almas, o lustre dos bem-aventurados, nos dá no anno liturgico um terno e mystico reflexo do que seja o eterno dia em Deus.

Assim como no céu o Senhor glorificado é o foco de vida eterna para todos os santos, por igual maneira, o "mysterium Christi" é a fonte de vida para a Igreja. Aquelles vivem na contemplação, nós peregrinamos na fé. Não vemos o Senhor na sua magnificencia, possuímos-o, no entanto, na fé e no mysterio confiado por Elle á Igreja antes da sua partida. O anno liturgico é, pois, o "mysterium Christi". Qual para além desta vida Christo o sol irrefracto brilha, — pois "aquella cidade não necessita do sol nem da lua para luzirem nella, porque a claridade de Deus a illumina, e sua luzerna é o Cordeiro" — assim resplende para nós através dos symbolos dos mysterios a luz de Christo. Por isto tão bellamente dizia St. Ambrosio a Christo: "Eu te encontro nos teus mysterios". (3)

Os mysterios de Christo revestem-se de duplo character. São em si mesmos divinos, sobrenaturaes e pneumaticos. (4) Não obstante, reflectem acontecimentos temporaes; pois no anno liturgico vivemos conjunctamente a vida do Senhor em todos os seus estagios: o seu nascimento, o seu desenvolver, a sua idade viril, os seus ensinamentos, as suas lutas, os seus soffrimentos e finalmente a sua morte. A ressurreição do Senhor e a sua ascensão á direita do Pae, conduzir-nos-á, certamente, para além, ao Reino de Deus. A segunda parusia do Senhor, a sua volta para o julgamento final é um acontecimen-

3. Gal. 4, 26. — Efesios 2,5 sq. — Em isto affirmando, não queremos rejeitar o symbolismo natural; ao contrario, é elle de grande valor para o anno liturgico. E' significativo o facto por que os mais antigos Padres não viam na successão das estações um symbolo da vitalidade da natureza, mas um symbolo da ressurreição. Por isso frequentemente se encontram nas catacumbas em os tumulos dos christãos pinturas representando as quatro estações do anno. No entanto essas mesmas representações nos antigos quadros têm outra significação.

4. Apocalipse 21,23. — Apologia prophetae David, 58. Nota do traductor: Preferimos conservar, como no texto allemão, as palayras gregas "pneumatikós" e "Kyrios" que frequentemente occorrem neste artigo. Poder-se-ia traduzil-as em vernaculo por "espiritual" e "Senhor", expressões essas que não esgotam todo o sentido do "pneumatikós" e "Kyrios".

to historico. Então, o Senhor glorificado, pela primeira e ultima vez, apparecerá ao mundo inteiro, e este será o magnifico desfecho da longa historia terrestre.

O anno liturgico contem tanto de vida terrestre do Senhor que foi considerado na alta idade média como um conviver espiritual, uma contemplação da vida de Christo.

Isso seria ainda um mysterio? Não. Fôra um conviver moral, fôra um sentir com Jesus, mas nunca um unificar-se mystico, substancial com o Kyrios Jesus Christo. E é precisamente nisto que repousa, segundo a doutrina do proprio Christo e dos Apostolos, a substancia e a derradeira razão de ser da vida christã.

Aquelle conviver moral não era por si uma immersão no pneuma de Christo, na vida eterna de Deus. Portanto, se a vida do Senhor desempenha um papel no anno liturgico deve ser por uma razão mais profunda.

Não que se exclua aquelle viver e sentir com o Senhor. A Igreja perpassa ante nós as pericopes do evangelho afim de que as contemplemos, consideremos e sejam outrosim um paradigma para a nossa vida. Ella bem sabe que os nossos pensamentos particulares, que as azas das nossas orações são nimio debeis ou nimio peadas para, sem o apoio do Espirito de Deus, penetrar no throno do Altissimo. Eis porque a santa Igreja mergulha profundamente no pneuma tudo o que é moral.

Christo se nos apresenta em dupla figura: o Christo historico uma, o Christo da fé a outra; ambas, no entanto, são uma só figura. Fôra igualmente perigoso considerar exclusivamente o Christo historico ou o Christo mystico. Considerando o Christo tão sómente como pessoa historica, não teriamos sido salvos; outrosim, considerando exclusivamente o Christo dos mysterios a nossa fé seria aerea e vacillante. A nossa salvação se basea em dois factos, a saber: que Christo se humanou; e que este homem é o Filho de Deus, e como Kyrios glorificado reina á direita do Pae. O Christo historico nasceu como um de nós, transitou pela Galilea e Judéa, palmilhou as estradas de Jerusalem, orou e lutou no Monte das Oliveiras e finalmente morreu no Golgota. Christo glorioso, pneumatico vôu ressuscitado para o Pae. Dahi nos envia Elle o seu Pneuma, tornando-se presente, invisivel e poderosamente na Igreja e em cada alma que baptizada crê e ama.

Jesus como homem, pela sua humilhação assumindo a carne peccaminosa, tomando a fórmula de servo, fazendo-se obediente até á morte da cruz, adquiriu aquelle nome que está sobre todos os no-

mes; Elle se tornou o Kyrios, o Pneuma. Comtudo é Elle o mesmo Senhor que sem pompa nem brilho, perseguido, andou pelas planicies da Palestina, e como malfeitor morreu na Cruz. Hoje, Rei do universo e Esposo da Igreja, reina á direita do Pae. Sua vida toda, iniciada no seio da Virgem, e que fámals terá fim, é o grande mysterio da salvação, eternamente escondido nos arcanos divinos, hoje, porém, revelado e patente na Igreja. As humildes acções da sua vida terrestre, o seu nascimento segundo a carne em noite silenciosa de Belem, a sua ignominiosa morte no Calvario, nos apparecem agora em desusado esplendor, em luz completamente nova, na luz divina.

Devemos no anno liturgico conviver o grande mysterio, a vida do Kyrios Jesus, a sua carreira gigantesca do seio da Virgem e do presepio, ao throno da majestade no Altissimo. Devemos celebrar e apropriar-nos dos grandes factos da salvação, e não fazer simplesmente da vida terrestre do Senhor um motivo de meditação e de exemplo moral. Isto, tambem, um pagão poderia fazer. O christão, o catholico, estes, celebram o "mysterium Christi".

Essa concelebração deve ser executada de maneira concreta, immediata, divinamente grande, e não mediante os nossos pensamentos tão impotentes ante o agir divino. Ella realizar-se-á no Pneuma de Deus. E porque se diga tudo, essa concelebração não se limitará a illuminações e dons gratuitos, mas, e principalmente, effectuar-se-á consoante realidade objectiva e pneumática. Os mysterios liturgicos representam-nos os actos redemptores do Senhor desde o seu nascimento até a sua glória eterna, e tudo na realidade mais viva e concreta, porém pneumática e divinamente como é proprio á essencia espiritual de Deus. Podemos, pois, repletos de alegria, dessedentar-nos na propria fonte do Salvador. Nós, que ainda não pertencemos ao numero dos bem-aventurados, que gememos sob o peso do peccado, podemos percorrer lado a lado com o Senhor humilhado o caminho da salvação e de morte ao peccado. Christo depositou no mysterio a sua vida, o seu caminho terrestre, como caminho de salvação. A sua palayra: "Eu sou o caminho", realiza-se no mysterio de maneira sublime. Christo não é um simples modelo, um mentor, senão o caminho mesmo, que em conduzindo, nos faz chegar ao termino. Seu nascimento ao presente, não é mais o daquella criança que ás escondidas veiu á luz em Belem, nem mesmo o da scena idyllica do presepio — mais do que idyllica era ella um grave acontecimento todo pernassado de humilhação e pobreza, aclarado apenas pelo esplendor mysterioso do amor e da elevação de Deus. O nascimento de Christo é-nos hoje patente no mysterio como epiphania — a humanidade ra-

diante em carne humana — para a salvação e santificação do mundo, qual traço de união entre o céu e a terra. Sua morte já não é aquella morte terrível e tormentosa no madeiro da Cruz, a execução de um criminoso, senão a morte sacrificial do Homem-Deus, a liturgia do unico e verdadeiro Pontifice, a entrega amorosa ao Pae no unico e verdadeiro sacrificio digno do mundo. Dahi jorra para o mundo pecaminoso a vida; ahi a fonte de ressurreição!

Dest'arte, o mysterio nos descortina a significação propria e profunda dos acontecimentos historicos da obra redemptora de Christo. O mysterio não lhes tira coisa alguma da sua concreta realidade; antes colloca-os numa connexão realmente divina, e explica-os como partes dos planos divinos occultos eternamente em Deus, realizados agora no tempo e que de novo se engolpham na eternidade. O pensamento basico de Sto. Agostinho: "Por Christo Homem ao Christo Deus", realiza-se no mysterio. O homem é o caminho, Deus é o fim. A historia manifesta-se como execução das idéas divinas e volta novamente á eternidade.

Se, por conseguinte, o anno liturgico celebra acontecimentos e factos historicos, não o faz por causa de si mesmo, mas por causa do conteudo da eternidade nelle occulto. Tudo o que está contido no anno liturgico é a obra gigantesca de Deus, é a acção salvadora de Christo na humanidade, que quer conduzir o mundo da estreiteza do tempo á amplidão sem confins da eternidade.

Esse conteudo em si não significa um desenrolar paulatino como acontece ao anno natural. Ao contrario; é em si um todo indivisivel de acções divinas, que tendo o homem em vista, deve ser applicado successivamente. Se o anno liturgico segue mais ou menos o desenvolvimento chronologico dos mysterios de Christo, não quer com isso offerecer um drama historico, mas sim ajudar o homem na sua ascensão gradativa para Deus, da qual é symbolo a propria revelação divina. Mas o mysterio integral da salvação permanece sempre presente ante os olhos da Igreja e de todo o christão. Concretamente falando: Quando celebramos o advento não o fazemos pela simples recordação daquelles tempos de antanho em que a humanidade ainda não fôra remida, mas celebramol-o na posse do Senhor, e para o qual preparamos a nossa alma, fazendo nossa aquella nostalgia dos antigos homens de Deus. Por igual maneira a quaresma. Não a celebramos como créaturas não purificadas pelo sangue de Christo, senão como homens que trazem impresso o caracter da Cruz e que querem ser cada vez mais configurados á morte de Christo afim de que se manifeste em nós a gloriosa ressurreição.

Desta maneira, mesmo que sigamos o Senhor na sua Via Crucis, perante o nosso espirito está sempre o Kyrios glorioso ao qual clamamos: "Vós que estaes assentado á dextra do Pae, compadecei-vos de nós". O anno liturgico é, portanto, um unico mysterio, cujo centro é o mysterio por excellencia, o mysterio da paschoa "sacramentum paschalle", do qual cada domingo é, por assim dizer, uma miniatura. Ahi, no anno liturgico, os mysterios da redempção, que têm como corollarios ultimos o sacrificio da Cruz e a transfiguração da Igreja (que promana da ressurreição do Senhor) são mysticamente celebrados e applicados aos fieis. No correr dos seculos a celebração do mysterio paschoal comprehendia o lapso de tempo que vae da septuagesima a pentecostes. Principalmente nessa época observamos um rico desenvolvimento dos mysterios e uma vivacidade dramatica que envolve os acontecimentos historicos da vida de Jesus. Não obstante, o anno liturgico não é dramatização da vida terrestre de Christo. Isto se prova pelo facto de se realizar na missa simultaneamente todos os acontecimentos terrestres da vida de Jesus Christo. "O mysterio é pois sempre completo".

O mysterio paschoal na liturgia primitiva bem que dominasse completamente a Igreja, todavia foi-lhe, mais tarde, anteposto o mysterio da epiphania, a que, apesar da intercalação do natal, o advento (adventus), serve de preparação. A epiphania a que se ajunta hoje a solemnidade de natal, não é sómente a festa do nascimento de Christo. Não. A epiphania é tambem o mysterio total da salvação, ao presente, porém, sob o ponto de vista da Encarnação. Em se encarnando, Deus consagrou a carne. Haverá, por isso, na santa missa um ritual para o mysterio da encarnação, assim como existe para o mysterio da morte do Senhor? Não. Celebramos a epiphania com o memorial da morte do Senhor, pois a Redempção encontra na Cruz a sua plenitude. O mundo devia ser reparado antes de ser consagrado. Por consequencia a epiphania é tambem o mysterio total da salvação visto, porém, sob um outro prisma. Segundo a sagrada Escriptura e os santos Padres, Christo só se encarnou para morrer na Cruz e assim restituir ao Pae a humanidade rediviva e morta ao peccado. Christo ao entrar no mundo diz: "Não quizeste hostia nem oblação, porém me formaste um corpo. Os holocaustos pelo peccado não te agradaram. Então eu disse: eis que venho, está escripto de mim no rolo do livro, para fazer, ó Deus, a tua vontade!"

Portanto é sempre "um" o mysterio do anno liturgico. Mas, esta accentuação da unidade do mysterio não o desluzirá tirando-lhe assim o attractivo proprio da variedade? variedade que longe de sobrecar-

regar o espirito, o anima e instrue? Não; pois unidade e monotonia não são synonymos. Quanto mais uma idéa é concisa, tanto mais é profunda e apta para encher o espirito. A multiplicidade dos pensamentos, procura e encontra expressão na diversidade dos ritos. A missa é sempre o ápice da liturgia porque encerra na sua fonte o mysterio da redempção, isto é, a paixão e a ascensão do Senhor. Desse manancial jorra impetuosa uma corrente de mysterios, de sacramentos e sacramentaes que deslisam pelo edem da Igreja. Nas suas margens erguem-se sempre novos symbolos, a palavra pneumática da liturgia que suavemente reveste e explica a liturgia e os ritos. As palavras da sagrada Escripura não são meras palayras humanas que nascem no espirito do homem e passam, qual brisa, sem deixar vestigio. Exuberante da força divina é a palavra de Deus. "Assim como desce do céu a chuva e a neve, e não torna para lá dahi por deante, mas embriaga a terra, e a banha, e a faz brotar, e dá semente ao que semeia, e pão ao que come, assim será a minha palayra, que sair da minha bocca; não tornará para mim vasia, mas fará tudo quanto eu tenho querido, e sortirá o seu effeito naquellas coisas para as quaes eu a envie". Deste modo a palayra toma parte, collabora na efficacia dos mysterios. Assim diz S. Pascasio Radbertus: "Est autem et sacramentum in Scripturis divinis ubicumque sacer Spiritus in eisdem interiorius aliquid efficaciter loquendo operatur". (5) Sacramento existe tambem nas Escripturas Sagradas nas quaes o Espirito Santo age interiormente por meio da palayra efficiente. Por isso ha tambem na palayra uma presença divina. "Ouçamos, diz Sto. Agostinho, o Evangelho como se o Senhor estivesse presente". E' essa a razão porque a Igreja em se lendo o Evangelho se levanta e permanece em pé. S. Bento no capitulo XI da sua regra determina que o abbade leia o Evangelho com profundo respeito, e que todos, nessa occasião estejam em pé. S. Jeronymo não vacilla nivelar o mysterio da sagrada Escripura ao da sagrada Eucharistia: "Comemos a sua carne e bebemos o seu sangue não sómente no mysterio da Eucharistia, senão tambem na leitura das sagradas Escripturas". Numa predica antiga para a festividade da Annuniação de Maria, lemos: "A Igreja celebra a vinda do Senhor e Salvador Jesus Christo no mundo inteiro, e se regosija sempre pela repetição annual desse mysterio. O que o mundo crente recebeu uma vez para a sua salvação, Ella, a Igreja, o entregou á posteridade para ser celebrado por todas as gerações... Hoje, os milagres do passado tornam-se presentes aos nossos olhos

5. Hbr. 10.5-7; Psalmo 39, 7-9.

pois as divinas lições os representam solemnemente, e os celebram com devoção annualmente". (6)

Em consequencia das acções redemptoras humano-divinas no Logos e no rito explica-se a razão porque a Igreja canta em certas festividades, não obstante possuir sempre e inteiramente o mysterio de Christo, o "Hodie" do mysterio que se commemora, por exemplo: no dia de Natal: "Hoje nasceu o Christo"; na Epiphania: "Hoje a Igreja se une ao Esposo celeste"; na Paschoa: "Este é o dia feito pelo Senhor": em Pentecostes: "Hoje o santo Pneuma appareceu em fogo aos discipulos" O anno liturgico considerado em seu conjuncto é symbolo do plano divino da salvação nõ qual está o mysterio de Christo. Para nós que não podemos, como na eternidade, contemplar num só icto o conspecto total do mysterio, ahí no cyclo elle se nos descortina. Como o anno todo contem em si a presença divina, por igual maneira cada dia reproduz dentro desse cyclo a acção redemptora que outrora o santificára. Emquanto os symbolos reaes exprimem por sua estabilidade a unidade do mysterio, a palayra por sua flexibilidade e nuances empresta-lhe variedade interpretando-o e tornando-o presente. Desta maneira celebramos diariamente na missa todo o mysterio da redempção e, além disso, pela palayra divina no dia de Natal e Epiphania torna-se presente a Incarnação, e no dia de Paschoa a Paixão e a glorificação do Senhor. Todavia, presença divina e não só um puro e simples pensamento humano, é a finalidade do mysterio. De outra maneira não se comprehenderia como S. Bento poderia dizer a seus monges que esperassem com nostalgia pneumatica a santa Paschoa (cap. 49). Presença, não em esphera acanhada, historica, mas em amplidão divino-pneumatica.

Se a alma incorporada á Igreja, sua mãe, concelebra o anno liturgico como verdadeiro mysterio, sem duvida, realizar-se-á nessa alma, não sómente o conteudo todo do anno liturgico, senão tambem cumprir-se-ão nella as palayras que Elizabeth disse a Maria: "Bemaventurada és tu', que creste, porque se cumprirão as coisas, que da parte do Senhor te foram ditas". (7)

6. Islas 55.10 sq. — Patrol, Lat. 120, 1276 — Talvez de S. Procollo de Constantinopla; acha-se entre os senões attribuidos a S. Leão Magno, Patrol. Lat. 54, 508.

7. Lucas 1,45.

OS INCAS

ORIGENS E ANTEPASSADOS

José Pareja y Paz Soldan

Os ayllus ou comunidade de indigenas foram a base de toda a organização do Incario. O ayllu era uma instituição formada pelo conjunto de familias ligadas por vinculos religiosos, totemicos e economicos. Sua origem data da epoca prehistorica peruana. Não existem, no entanto, dados e observações suficientes para fixar de modo preciso sua procedencia e evolução. Varcarcel (1) crê que tenham atravessado as phases heytarica ou do ayllu horda, a fraternal ou do ayllu fratria o clan, o gentilico ou do ayllu gens e das federações de tribus que chegaram ao apogeu no Imperio de Tawantinsuyu. Marckam (2) pretende que tiveram uma origem patriarchal. Em tempos muito remotos, se formaram nos valles interandinos, comunidades unidas por laços de parentesco analogos ao do gens romano. Para Ugarte (3) o ayllu foi a unidade economico-social. Baudin, no seu excellento estudo sobre "O imperio socialista dos Incas", reproduz de certa maneira a theoria de Marckam. O ayllu no seu inicio foi constituido pelos descendentes de um antepassado commum, real ou imaginario, que adoravam o mesmo totem, o **pakarisa** (4). Este deus era distincto do familiar ou **konopa**. Este caracter religioso do ayllu ainda persiste hoje nas comunidades. Para Saavedra (5) o caracter religioso e pessoal se transforma ao formar-se a comunidade sedentaria, em outro, economico e decisivo: o territorial.

Com o passar dos tempos o solo substitue os vinculos anteriores, como base da organização communal.

O elemento essencial do ayllu é a posse collectiva e a exploração em commum das terras.

-
- (1) — Del ayllu al Imperio — por L. E. Varcarcel.
(2) — Los Inkas del Perú por Clement Marckam.
(3) — Historia Económica del Peru' por C. A. Ugarte.
(4) — Pakarisa palavra kechua que significa "ser que engendra"
(5) — "El ayllu" por Bautista Saavedra.

Em todas as épocas a comunidade foi para o indigena o vinculo entre o homem e a terra e corresponde a um sentimento profundo: o sentido colectivo e agrario.

O ayllu, segundo Ugarte (6) apresenta 4 caracteres principaes.

a) Propriedade colectiva da terra a ser cultivada pelo ayllu e dividido em tupus ou sejam lotes individuaes.

b) Propriedade e uso colectivo de aguas, pastos e bosques vizinhos.

c) A minga ou cooperação commum no trabalho.

d) Apropriação pessoal das colheitas e fructos obtidos.

Os Incas já encontraram estabelecidos por toda parte estes ayllus, como indicamos, e ligados entre si por confederações, tribus ou marcas (7). Elles aproveitaram as características agrarias desses nucleos e as divulgaram pelas regiões do Imperio onde ainda não existiam.

Consistiu sua politica em systematisalos e dar-lhes uma nova orientação politica: o funcionalismo, as estatísticas e a utilização de cada homem para fins do Estado.

O Incario não foi um regimen communista, como o divulga uma literatura barata. Baudin o definiu esplendidamente considerando-o como um collectivismo agrario superposto a um socialismo de Estado. Os Incas nem sequer delinearam um plano socialista. Encontraram-se deante de povos com um regimen agrario colectivo, e pela lei do menor esforço, por seu admiravel espirito de adaptação, e por ser, neste momento, o systema que assegurava com mais proveito o cultivo da terra, o adoptaram. Foi isto obra das circumstancias. Muitos autores, entre os quaes Solis (8), consideram que o Incario ingressara no periodo da individualização da propriedade desde o XVI.º seculo, este desenvolveu-se rapidamente antes da conquista.

Coexistiam na epoca incaica 3 especies de propriedades:

a) A propriedade nacional: edificios publicos, terras do Sol e do Inca, florestas, plantações de roça, jazidas, generos e minas.

b) A propriedade colectiva ou do ayllus usufruida em commum (terras de pasto, aguas de irrigação), ou usufruidas individualmente (terras de cultura).

c) A propriedade privada immovel: casa e moveis dos hanturemas (9) as doações do Imperador e as terras dos curacas.

(6) — Ugarte. Ob. cit.

(7) — Parece que marka era a união de dois ou mais ayllus concentrados num povo.

(8) — "Ante el problema peruano" por A. Solis.

(9) — Hanturenas chamam os campesinos.

O USUFRUCTO DAS TERRAS DE CULTIVO

O territorio de cultura em cada região dividia-se em 3 partes: terras do Sol, terra do Inca e terras da communidade.

Esta divisão não era estritamente igual. Muitos chronistas (10) sustentam que a repartição variava segundo a quantidade de terra e o numero dos habitantes.

Além disso acrescenta Baudin, era conforme ao espirito de sagacidade e prudencia que praticavam os Incas. As necessidades dos habitantes e as circumstancias politicas e militares da região modificavam sensivelmente a distribuição. Assim, num local proximo de um templo e de um centro de peregrinação, as terras do Sol obtinham maior proporção que as do Inca. O contrario acontecia nas proximidades das grandes cidades, das fortalezas e dos centros militares. E em zonas estereis, como em Callao, as terras do Sol e do Inca reduziam-se ao minimo, e quasi toda era usufruida pelos habitantes. Este usufructo se organizava da seguinte maneira:

Para cada purik ou chefe de familia concedia-se um tupu (11), si elle fosse casado ganharia dois tupus e, por cada filho, mais um tupu, ou meio si fosse filha.

Garcillaso é de opinião que cada tupu media uma fanegada e meia. Benchat diz ser a extensão de uma fanegada espanhola. Mas é absurdo querer estabelecer uma medida fixa; a extensão de terra que dá para alimentar commodamente uma familia numa zona yunga, difficilmente produz o necessario numa puna. Em realidade o tupu era uma medida indeterminada que representava um lote de terra necessario para a manutenção de uma pessoa. Os costumes que ainda observamos em alguns povos indigenas confirmam esse criterio: Na Casta (13) o trabalho colectivo é dividido em tupus de diversas extensões, conforme as difficuldades do terreno, da idade e das forças de cada cidadão. Ao derredor do Titicaca repartiam-se as terras de

(10) — Cobo na sua Historia do Novo Mundo declara que numa região as terras destinadas para o culto eram maiores, noutras, as que pertencem ao Inca, ou ainda em outras regiões a parte da communidade excedia as demais. 12.28 Garcillaso nos Commentarios Reaes (lib. IV. cap. XVIII) estabelece que as terras que tocavam para o Inca, não eram dos indios, mas as que sobravam e que não podiam ser lavradas.

(11) — O tupu é uma palavra aymarâ que significa medida.

(12) — Manuel d'archeologie americaine. M. Benchat.

(13) — Casta é um povo situado na provincia de Huarochiri, dep. de Lima.

fôrma tal que a cada um tocava uma parte ás margens do lago, onde podiam semear trigo, outra nas encostas das collinas propicias ás culturas da quina e outra na região elevada onde só cresce a batata.

Consta que a repartição de terras era periodica. Baudin é de opinião que se realizava cada anno entre todos os chefes de familias ou seja entre a totalidade de consumidores, pudessem ou não trabalhar pessoalmente. Não são desta opinião Prescott e Latcham (14). Cremos que sob a influencia do espirito de ordem houve a mudança que caracterisava as instituições indigenas e cada distribuição confirmava a anterior. Decorrido alguns annos os communeros consideravam como seus esses lotes, devido ao trabalho prestado em estabelecê-los. O mais certo, ao que parece, é que essa distribuição era efectiva, e annual ou bi-annual, segundo o modo de distribuição em lotes, ou segundo o costume local. Dado o costume indigena de, em determinados annos agricolas, descansar cada lote de terra, sua distribuição devia ser variavel e real.

O AYLLU DURANTE O VICE-REINADO

Emquanto não significassem um perigo immediato para o regimen colonial ou para o credo catholico a Conquista e os Vice-Reis assimilaram os ayllus adaptando-os ao seu mecanismo administrativo, cuidando de conservar seus costumes e estructura.

As leis das Indias ampãraram a propriedade indigena e reconheceram sua organização communitaria.

Na historia do regimen agrario peruano, a conquista significa a enthronisação de um feudalismo de caracter agrario. Ao lado da propriedade collectiva do ayllu se installava o feudo do conquistador. Em uso de suas prerogativas o Rei cedeu aos hespanhoes as terras do Sol, do Inca e as terras vagas. Assim a constituição das grandes propriedades não poude ser evitada, sendo aggravada pelo systema de encomendas e de partilhas. Deste modo os donatarios apoderaram-se de lotes que correspondiam a legitimos proprietarios. Até 1720 o herdeiro do indio sem successor foi o donatario. Logo grande porção de terras de comunidade cahiram na mão destes. A Corôa distribuia o terreno conquistado em lotes e a povoação em grupos. São respe-

(14) — Historia da Conquista do Perú por Prescott. A existencia da propriedade, no antigo imperio dos Incas por Ricardo Latcham. São da mesma opinião Garcia Calderón no "Perou Contemporain" e C. A. Ugarte em "Antecedentes del regimen agrario en el Perú".

ctivamente as partilhas e as encomendas. Theoricamente diz Baudin devia ser uma verdadeira collaboração entre o hespanhol e o indigena. O primeiro devia instruir o indio na religião catholica, defendel-o e protegel-o. O indio devia retribuir com algum trabalho. Quanto ao estabelecimento das encomendas obedeceu a muitas causas. 1) — De parte dos conquistadores foram: a) Tendencia em imitar a Metropole na qual ainda que mitigado existia um regimen feudal; b) Espirite bellicoso do conquistador; c) A preocupação militar que andava em busca de braços para os serviços de campos, minas, etc. julgados naquella epoca pouco honrosos para o soldado. II.º — De parte da Corôa: a) Recompensar os serviços dos conquistadores e assegurar ao mesmo tempo sua lealdade; b) Assegurar a ventura e a salvação do indigena pelo ensino da religião; e) Assimilar a nova raça á civilisação e á cultura espanhola; d) Facilitar a cobrança do tributo (15).

A historia das encomendas é a historia das guerras civis. A maior insurreição que poz a Metropole em serias difficuldades e que só o Padre La Gasco poudo suffocar, por sua extraordinaria astucia e sagacidade, teve como origem o impertinente proposito do Vice-rei Nuñes de Vele, de reduzir as encomendas. A rebellião de Herman des Girón teve um motivo semelhante ou seja a suspensão do serviço pessoal dos indios. Cada conquistador revoltado denuncia sua cobiça da encomenda do visinho.

Concedido o usufructo das encomendas para uma geração, passou a duas, logo a tres, finalmente depois de insistentes pedidos foi definitivamente abolida em 1720.

As encomendas não foram o que deveriam ser. Constituiram um elemento de exploração. Sob seu nome violaram os direitos naturaes e positivos do indio. Serviu para augmentar o latifundio e não cumpriu seus objectivos de catechese e civilização.

No entanto como reconhecem historiadores e sociologos de diversos partidos, serviu para evitar a destruição completa da raça indigena. Os direitos que ella reconhecia ao indio e o cuidado que os mesmos encomendeiros tinham por sua conservação, explicam a persistencia do indigena; sendo que em outras colonias, as encomendas favoreciam o desaparecimento dos naturaes (16).

(15) — Informação dada pela Delegação Universitaria Peruana ao Congresso Ibero-americano de Estudantes Catholicos realizado em Roma. Parece referente ao prbllema agrario. Lima, 1933.

(16) — Id.

Como representante do maior esforço de organização temos o Vice-Rei Tolédo (17). Suas ordenações foram de excepcional importancia. Por meio dellas, obrigou os indios dispersos a viverem em reductos ou povoações dotadas de certa quantidade de terra para o trabalho em commum. Os indios dependiam de seus caciques utilizados como auxiliares da administração do vice-rei, e aos alcaides indigenas, administradores da justiça. As reduccões foram creadas por duplo motivo: tutelar e fiscal. Mediante ellas quizeram garantir a propriedade indigena ou creal-a quando não existia, permittindo a obra de catechese e facilitando a cobrança dos tributos e dos serviços pessoais.

Na obra colonisadora existiu uma evidente opposição entre seu aspecto e forma. — A admiravel legislação das Indias — e a situação real — a triste condição dos indios considerados quasi como escravos. As leis das Indias estabeleciam que as Audiencias velassem pelo bom trato dos nativos, para que não os tratassem como escravos, nem como burros de carga mas como vasallos de Sua Magestade El-Rei. Prohibiu a exploração do indio individualmente e fixava uma moderada taxa de tributo. Considerava sagazmente os indios como menores para todos os effeitos juridicos. Não podiam fazer contractos e estavam prohibidos de vender suas terras. Existiam funcionarios especiaes, os protectores, cuja missão era analoga a dos tutores em nossas legislações civis. Com razão dizem que a acção missionaria, a verdadeira obra da Igreja, ainda que submettida ao Estado, na persistencia das communidades e no monumento insuperavel das da legislação tutelar, constitue a parte luminosa da Colonisação.

Mas a legislação hespnhola não foi nem medianamente cumprida. A exclamação do conquistador Benalcazar “se respeita mas não se cumpre” synthetisa toda a realidade da epoca do vice-reinado. O indigena vegetou em condições muito tristes. Os trabalhos, as encomendas, os abusos dos carregadores, a evidente desigualdade de raças foram o aspecto negativo. Por momentos a condição dos indios foi mais digna de lastima do que a dos negros escravos. Os recenseamentos successivos revelam um fabuloso decrescimento na população indigena.

(A extensão do Vice-Reinado, a escassez de autoridades — quasi

(17) — Chronologicamente, Toledo foi o quinto vice-rei do Perú. Durante seu governo não foi iniciado effectivamente a organização do vice-reinado. Percorreu a maior parte do território, examinou por si mesmo as necessidades dos indigenas e formulou suas celebres “Ordenanzas”. Por tudo isto foi chamado o Solon peruano.

sempre eram meramente decorativas — sua cumplicidade ou lentidão em muitas ocasiões á vista das perseguições que soffriam os indigenas, a mesma perfeição e ambiciosa rigidez das “Leis dos Indios”, o que é certo, diz Ugarte, é que existiu uma notavel disparidade entre o aspecto theorico e legal do governo hespanhol e seu aspecto real e effectivo. A mentalidade dos conquistadores e metropolitanos foi de explorar o paiz em beneficio da Hespanha, com exclusão de qualquer outra potencia e de tomar em usufructo o sólo colonial ainda mesmo com prejuizo dos demais povoadores.

AS COMUNIDADES DE INDIGENAS DURANTE A REPUBLICA

Se a Emancipação foi um progresso em materia politica não o foi todavia no que se refere á justiça social. Faltou-lhe um programma agrario (18). Imbuida de liberalismo, em nome de seus preconceitos atacou as comunidades. Consideraram estas como resaios coloniaes. Segundo disse Mariátegui, foi a Republica que applicou os mais rudes golpes ao systema communal.

Logico com o espirito revolucionario, Bolivar, pelos decretos dos annos de 1824 e 1825 dissolve as comunidades. Ordena a retalhação de suas terras e d’ahi em diante os comuneros seriam considerados como proprietarios exclusivos e absolutos. O decreto de 1825 estabelece que só a partir de 1850 poderiam os indigenas usar da faculdade de alienar; e uma lei de 1828 modifica no sentido de que sómente os indios que saibam ler e escrever gozarão da livre disposição de seus bens. Porém o uso da propriedade, como o da liberdade exige uma aprendizagem. Recta, idealmente applicadas essas disposições teriam creado a pequena propriedade indigena. Po-

(18) — Contrariamente á maioria dos historiadores, o Dr. Victor André Belaúnde crê ter havido um programma agrario. Cita a famosa informação dada pelo arcebispo de Michoacán e transcripta por Humboldt na sua “Nova Espanha”, em que pedia a abolição do tributo, a declaração de capacidade para todas as castas para qualquer emprego publico, a distribuição dos bens da Corôa pelos Indios e pelas Castas, a promulgação de uma nova lei agraria semelhante a de Asturias para que os proprietarios trabalhem nas terras que os grandes possuidores tinham deixado incultas. Insiste tambem que muitos revolucionarios foram inspirados nos projectos reformistas dos ministros liberaes de Carlos III, principalmente de Jovellanos. Isso foram no entanto factos isolados que não revelam um proposito systematico em relação aos grandes problemas americanos: o indigena e o agrario.

rém, ao abrigo destas leis que faziam o indio proprietario ficticio, cresceu o latifundio.”

“O liberalismo, commenta Mariátegui, inerte deante da propriedade feudal só se sentiu activo perante as comunidades. (19) Durante os primeiros annos a Republica vive em pleno caudilhismo militar. Este, desde o principio careceu de orientações em face do problema indigena como em todos os demais problemas nacionaes.

Sob o governo de Castella inicia-se a organização gradual de nossa vida social economica. Estabelece-se pela primeira vez o orçamento nacional. Em 1852 promulga-se o Codigo Civil inspirado nos principios classicos do Direito Romano, utilizados através da legislação hespanhola e do Codigo Napoleão. Nelle se reaffirmam a propriedade e a repartição equitativa das heranças. Tacitamente reitera a abolição legal das comunidades.

Apezar de toda essa legislação individualista está o facto real da subsistencia das comunidades. E isto porque o indio tem uma tendencia para o collectivismo, e não porque é refractario ao progresso, como muitos suppõem. Mesmo nas aldeias indigenas onde se extinguiram os vinculos da propriedade agraria commum, subsistem persistentes e fortes, habitos de solidariedade e de cooperação. Revelam-no as mingas, o ayué, o tutupay (20) e a realização de trabalhos collectivos num ambiente de alegria e camaradagem.

A Constituição de 1920 rectificou a maior parte dos erros desta legislação individualista. Reconheceu e legalizou as comunidades e estabeleceu a imprescriptibilidade de suas terras.

Em 1921 foi creada no Ministerio da Agricultura uma secção de Assumptos Indigenas, cuja missão principal deve ser emprehender plenamente a solução indigena. Por emquanto é antes de tudo um órgão encarregado de proteger o indigena e amparal-o em seus interesses. Nesta Secção foi aberto um registro de comunidades. Até o fim de 1932, 380 inscreveram-se, numero pequeno relativamente, e já de algumas destas comunidades levantaram os cadastros.

A Constituição de 1933 recentemente promulgada consagra todo um paragrapho ás comunidades. Reitera o reconhecimento de sua existencia legal e de personalidade juridica, garante a integridade

(19) — Sete ensaios de interpretação da realidade peruana por José Carlos Mariátegui.

(20) — A minga é a reunião de toda a comunidade para realizar diversos trabalhos de interesse publico depois dos quaes reparte-se a comida e realizam-se diversos festejos. O ayué e o tuturay significam o trabalho que um comunero presta a outro com direito a solicitar uma retribuição, uma forma sui generis dos contractos.

de suas terras e para isto ordena que sejam levantados cadastros correspondentes; estabelece imprescriptibilidade e inalienabilidade das terras, promette dotar de terras as comunidades que as necessitem, fixam sua autonomia deante dos conselhos municipaes e se propõe promulgar uma legislação indigena.

AS COMUNIDADES DE INDIGENAS ACTUALMENTE (21)

O ayllu incaico ou a redução hespanhola servem de base ás actuaes comunidades. Muitas desapareceram no littoral. Existem poucas nos departamentos de Lima. A propria natureza das grandes culturas, principalmente do algodão e da canna de assucar, a formação de fortes emprezas agricolas e a technica adeantada de producção eliminaram-nas paulatinamente do littoral. Pelo contrario existem muitas na região serrana. As condições agricolas da costa e da serra são diversas. Na primeira as pastagens são abundantes e não ha bastante terra para lavoura. Na serra, não faltam lavouras e ainda latifundios, deficientemente explorados e pela persistencia de certos habitos com feição de vassalagem (22), o pongaje, trabalhos forçados, etc.

A partilha periodica de terras não se realiza mais entre os communeiros. O dominio eminente das terras pertence á comunidade, mas cada communeiro utiliza e lega o usufructo de seus lotes, aos seus descendentes. Em geral perdurou a comunidade dos pastos e de aguas de irrigação, assim como os vinculos collectivos sociaes: o

(21) — A opinião respeitavel e de tão clara origem liberal, como a do Dr. Manuel Vicente Villarán estabelece o seguinte no seu estudo, referente a "La situacion legal de las comunidades indigenas": "que as comunidades correspondem a um estado de espirito que não se supprime com decretos. As comunidades actualmente protegem o indio contra os usurpadores. Graças á posse communitaria as terras dos indios não foram totalmente destruidas.

As comunidades são o contra peso do caciquismo semi-feudal que continua imperando em nossa terra. A dissolução das comunidades longe de instruir os indios e abrir mercados e caminhos, não crearia uma classe de camponeses proprietarios mas seria a formação de lavradores autonomos que formam a maioria da nação em proveito de quantos.

O communeiro, hoje independente pela posse da terra, passaria a condição civil do pouso e do colono. E os terrenos communaes, transformados em novas fazendas, não seriam explorados melhor.

(22) — Apezar de terminante prohibição ainda existe o que se chama pongaje. O indio da terra arrendataria deve servir-o gratuitamente durante uma semana do anno.

ayné, as mingas, os donativos communaes, os trabalhos que executam dansando, cantando, etc.

A organização interna das communitades é muito defficiente. Existem multiplas e atravessadas autoridades communaes: Presidente, Fiscaes, Thesoureiros, Agentes, Mordomos.

A organização das communitades é uma tarefa urgente afim de poder resguardar e normalizar os direitos de sua vida interna. Por falta de leis foram desintegrados soffrendo em seu desenvolvimento e defesa, danos consideraveis. Recentemente a Secção de Assumptos indigenas tem patrocinado a regulamentação das communitades, as funcções das autoridades, as condições e deveres dos communeros, a collocação vantajosa e productiva das rendas. Em varias communitades propiciaram sua transformação em cooperativas. Raros serão os paizes onde o systema cooperativo encontrará nucleos tão marcados como no Peru'. Aperfeiçoando seu funcionamento e utilizando sua base collectiva, as communitades serão germens de futuras cooperativas. Infelizmente até hoje a ignorancia e falta de preparação dos proprios communeros e a incomprehensão de algumas autoridades subalternas e dos fazendeiros visinhos vêm sendo os maiores obstaculos desta empreza destinada a renovar a perspectiva da vida economica e social de nosso pais.

Lima, 1934.

DA ORDEM MILITAR A' ORDEM SOBRENATURAL

FERNANDO SABOYA DE MEDEIROS

Se nestes ultimos tempos um prelado inglez disse perante um auditorio selecto que o seculo actual se caracteriza pelo apostolado dos leigos: "apostolate of the laity", parece-me retratar essa asserção a conversão de Ernest Psichari. Embora o apostolado que o neto de Renan exerceu foi mais posthumo do que actuado durante a sua breve e amavel existencia, computo-o por um dos maiores apóstolos modernos do exemplo. Esse exemplo é efficaz sob dois aspectos: a conversão e santificação posterior á conversão.

E' cheia de interesse e de originalidade a elevação progressiva de Psichari até o amplexo feliz com Deus, que é aqui na terra o seu conhecimento. Emquanto a maioria dos convertidos inclina-se para Deus e finalmente a elle adhere, guiada pela razão e fortificada pela graça, Psichari repousou de sua lide pela verdade, quando abrangeu, num pestanejar, o conjuncto da doutrina catholica, quando comprehendeu a admiravel unidade existente na grandeza da religião de Christo. Psichari, pois, abraçou o catholicismo, primeiro, por ser inclinado á perfeição espiritual, por ter naturalmente um espirito desejoso de se elevar, segundo, pela inclinação á ordem e á disciplina moral, que elle encontrou só no catholicismo. Elle não discutiu a verdade, elle a reconheceu.

Mas se o commandante heroico de 1914 attingiu o ideal religioso na sua mais alta expressão: o sacrificio, e traduziu em actos o exemplo humilde mas sublime da Eucharistia, divina confirmação do valor do sacrificio, varios foram os marcos que o dirigiram para esse fim sobrenatural. De natureza muito sensivel, movido facilmente pelas impressões, mas generoso e nobre, Ernest Psichari desejou buscar uma norma de vida que levasse com energia as suas qualidades esplendidas, mas desordenadas a uma segurança necessaria. Assistindo ao curso de philosophia nas aulas maravilhosas do professor Bergson, cresceu nesses generosos desejos. Se os principios de Bergson, appellidado "l'alouette", a cotovia, pela altura de seus pensamentos, são contrarios, em diversos pontos á sã philosophia, não são infecundos.

Elles aticaram na alma de Psichari o desejo de valer na vida, de ser um elemento de coragem para os francezes debellados pela guerra de 1870, e elemento de honestidade para uma sociedade imbuida dos falsos principios do materialismo e do scientismo de Taine e Renan. Afim de conseguir esse objectivo, pensou incorporar-se num batalhão de coloniaes, destinados a manter a ordem nas colonias francezas da Africa e de as explorar. Seus pensamentos não eram nada frivolos. Entrar na vida militar revestia para elle a importancia de uma educação moral do seu espirito. Elle pretendia seguir com a maior fidelidade o horario, o regimen da vida de quartel, aguentar todos os calores, todas as marchas e até a fome atravez dos sertões africanos. Que signal evidente da sinceridade de Psichari comsigo mesmo! Partindo para o Congo Francez, elle levou sómente o livro dos "Pensamentos de Pascal", um volume de "Sermões de Bossuet" e pouco mais para fetemperar, á noitinha, a sua intelligencia, quando já os seus soldados descansavam do trabalho do dia, debaixo das tendas do acampamento, illuminadas pelo clarão das fogueiras. De vez em quando elle recebia algum livro de seu amigo Maritain, não sem alguma advertencia e bom conselho apto para dirigil-o á religião catholica. Até medalhinhas esse amigo verdadeiro lhe enviava. A historia da França tambem concorreu para salvar esta alma de predilecção. Eis como raciocinava o valoroso capitão. Na alma da antiga França encontra-se a raiz profunda das virtudes militares. Roland, o grande par da cõrte de Carlos Magno, surge do fundo dos seculos pelejando até a morte contra os Bascos traicoeiros. Mas junto dessa raiz germina, ao mesmo tempo, o catholicismo. Entre a França e o catholicismo existe um vinculo, sem cessar, patente. Esses são os tres elementos mais simples que concorreram para a conversão de Psichari: o desejo de ordem, puramente moral, o livro, e a tradição. Não admira se elles o elevaram ao catholicismo. A Igreja de Christo é a mais perfeita ordem estabelecida por Deus na terra, porque dirige o homem e o une á fonte de toda ordem, o grande ordenador, que é o mesmo Deus. Por isso, em certo modo, pode dizer-se ter sido o desejo de ordem moral o fundamento da conversão de Psichari. O livro bom é tambem o vector mais apto humanamente falando para illuminar a intelligencia. O que se ouve se esquece, o que se lê mais facilmente convida á reflexão pessoal. Para Psichari, o livro foi um revelador da grandeza e perfeição da religião catholica.

Mas os outros elementos, fautores da conversão do neto de Renan, podem ter-se por mais decisivos. Ernest tinha uma imaginação muito clara e rica, um coração muito sensivel. A solidão do deserto, susci-

tava no seu espirito as idéas da creação deste mundo, do nada das creaturas, da grandeza de Deus; idéas essas que se impunham ao seu espirito como necessarias. Psichari sentia um mundo sobrenatural acima deste mundo cheio de cansaços e incertezas. O exemplo dos mussulmanos, com que elle convivia, accendeu mais essas idéas. Psichari, porém, intelligente e nobre como era, via quanto egoistica é a religião de Mahomet. Elle percebia nella que o homem orava não para adorar simplesmente e desinteressadamente a Deus, mas para adquirir o maximo de felicidade e de bem-estar neste mundo. Deus é espirito. Não terá elle bens infinitamente superiores aos bens terrenos para outorgal-os ao homem que elle ama?! E se o homem é uma creatura de Deus, não urge ser Deus o objecto de seus louvores, a méta de sua vida, o fim de sua adoração?! Eis, o sentido em que se endereçava a alma de Psichari. Ao mesmo tempo, elle comprehendia a nullidade de qualquer adoração e culto do homem para Deus se não se eleva nas azas delicadas e brancas da graça. Nenhuma ordem humana pôde attingir a ordem sobrehumana. Nenhum pensamento do homem, nenhuma acção do homem pôde ser uma oblação agradavel aos olhos de Deus e verdadeira glorificação de Deus se a graça não sobre-eleva a natureza "J'en suis sur, un épanchement de l'ame, si pur soit-il, ne peut atteindre que mon ame. Une pensée humaine, si élevée soit-elle, ne peut connaitre ce qui, par définition, est hors de la pensée humaine". Como se effectuaria, pois, comunicação efficaz entre Deus e o homem se não se interpuzesse uma manifestação humana exterior e sensível que symbolizasse a vida e o amor de Deus, de modo que existisse uma mediação sobrenatural? Essa mediação são os sacramentos, é Christo, Deus feito homem, é a Missa, a fórma mais perfeita da oração. Ha, pois, na Religião Catholica, cooperação do mundo exterior e sensível, em favor da ordem sobrenatural. Não podia haver coisa mais conforme ao espirito de Psichari. Elle amava o universo como poeta. Seus livros: "Terre de Soleil et de Sommeil", "Voyage du Centurion" são indicados como obras insignes da literatura franceza moderna. Por outro lado elle unia uma sensibilidade finissima a uma elevação alta de contemplador e de asceta. A conjuncção do mundo e de Deus na religião catholica foi o impulso definitivo para o bem. Que magnifico panorama elle não descortinaria do alto do monte mystico da religião, galgado numa potente conquista moral! Mas eis-nos chegados ao momento em que é Deus quem actua directamente sobre a alma, preparada para receber a graça, pelo desejo de crer, pela evidencia da verdade, pela nobreza de sentimentos. Se essa acção é imprescrutavel, ao menos, temos a satisfação de

conhecer a occasião na qual Deus moveu o coração religioso e militar de Psichari. Uma vez, conta elle mesmo, eu me aventurára bastante a dentro no sertão. Conheci, nessa occasião, um desses minutos inesquecíveis por toda a vida. O calor de meio-dia era insupportavel, eu procurava uma sombra. Durante muito tempo tinha vagado entre os rochedos que dominavam o valle, quando, enfim, no leito ressequido do Qued, uma arvore copada convidou-me ao repouso. Ao redor de mim, tudo era tão melodioso, tão adormecido, que me parecia estar na terra como num berço. Apenas penetrei na sombra da arvore, cai de joelhos. Era a primeira vez da minha vida. Esse gesto era tão novo para mim! No emtanto desde ha muito tempo me tinha sido imposto e ordenado, agora foi impossivel qualquer resistencia. Debaxo de meu abrigo fragil, eu me sentia infinitamente bem para adorar o poder soberano que me curvava e lhe expôr com franqueza as necessidades do meu coração. Simultaneamente, eu sabia com toda a certeza que essas necessidades seriam satisfeitas, que esses desejos seriam attendidos, com superabundancia. Estava certo haver de ser, um dia, catholico e não sentia senão uma impaciencia, sem nervosidade, pela felicidade promettida.”

Deus poderia bem sonegar a graça, porque nenhum homem a merece. A sinceridade dalma, porém, a honestidade, o desejo de possuir o bem supremo o commovem. A redempção da humanidade pela cruz e a morte do Filho de Deus não foi méra concessão passageira para remediar a situação desesperada dos homens, mas é o prototypo da acção continua de Deus com cada alma em particular.

Qual foi a efficacia da graça na alma de Psichari?

Cónsistiu em infundir-lhe a vocação religiosa. A Ordem de sua eleição foi a dos Dominicanos. A saude de sua velha mãe impediu o cumprimento immediato de seus desejos. Deus queria apenas aceital-os. Destinava-o para outros fins. A morte de um soldado christão e heroico, foi a sua oblação. Mas essa mesma morte elle a acompanhou de uma intenção sublime: regenerar o seu paiz. Psichari teve, pois, uma morte apostolica. Elle se consolou de commutar os votos religiosos pela morte no campo de batalha. Essa, com effeito, é a unica compensação, seja embora incompleta, á dignidade e ao valor dos votos. Elles são tambem morte, para si, para os bens do mundo, e para seus prazeres. Esta morte reveste-se do sublime da santidade, como aquella do sublime do heroismo.

Entre a conversão e a morte decorreu, para Psichari, sómente um anno. Quaes foram, nesse interim, os principios que orientaram, for-

taleceram e desenvolveram a vida espiritual do joven e sympathico militar?

E' certo, dizia elle, que o desapego dos bens da terra, mesmo se não é voluntario, póde ajudar a entrar no mundo do espirito. O desapego de Psichari foi voluntario. Proporcionou-lhe o grande beneficio do silencio do deserto. Permitta-se-me citar aqui em francez, o encomio dirigido ao silencio pelo andador do sertão africano. A expressão é tão lapidar que convida: "Le silence, ce grand maitre de vérité": o silencio, esse grande mestre da verdade!

Mas a verdade religioza é o maior thesouro. Quanto maior cabedal de verdade religiosa, quer moral, quer intellectual, se guarda no coração e na mente, tanto mais se é perfeito. Ora, Ernest Psichari traduzia o ideal de toda a sua vida e o impulso secreto do seu espirito nos seguintes termos: "Não temos o direito de ser mediocres, devemos ser perfeitos". Que coincidencia com a phrase celebre de Christo: "Sede perfeitos, como vosso Pae do Céu é perfeito".

Elle ainda não se convertera, quando proferiu essa phrase, que seria muito mais productiva depois da conversão, como realmente succedeu. Mas a perfeição christã exige como base a pureza. Ora, o novel convertido era consequente consigo mesmo, quando meditava: á medida que expiares os teus peccados, tu' os conhecerás. Tanto melhor conheceres a gravidade e a baixeza de teus peccados e tantos mais acharás a pejar a tua alma, quanto maior arrependimento tiveres daquelles que já conheceres. A Eucharistia é a fonte de toda pureza.

O Director espiritual de Psichari, o Pére Clerissac, dera-lhe por norma de vida, viver cada instante, como se fosse commungar ou morrer no instante seguinte. Finalmente, a Eucharistia é a escada da santidade. Psichari commungava diariamente. "Elle fazia da Eucharistia, esse ponto vital da religião catholica, o centro de sua vida interior. Jesus, no coração de Psichari, ateava o fogo da caridade. Rezar por aquelles que não rezam, foi a inspiração que Jesus segredou no ouvido do soldado regenerado para a vida da graça e do amor. O zelo da oração de Psichari traduziu-se em seus actos. Durante o anno que viveu depois de convertido, tendo regressado já para sua patria, foi um exemplo de obediencia para seus soldados, de caridade para seus amigos e parentes e de piedade para todos. Não raro a sua palavra, quer em publico, quer em particular, foi de conforto e animação para muitos. Procurou, mesmo na medida de suas forças, reparar o mal feito por seu avô, o celebre Renan. Morreu, por fim, qual apostolo de uma grande intenção: regenerar a França.

A BASE ETHICA DA PEDAGOGIA SOCIALISTA

OTTONI JUNIOR

REVOLUÇÃO SOCIOLOGICO-PEDAGOGICA

A ultima novidade da civilização, a ultima obra-prima do liberalismo atheu, é a Pedagogia Socialista.

E' a novissima e fatal Revolução. A Revolta Religiosa incendiada pela Reforma acelerou a Revolta Moral iniciada por Hobbes (*Elementa Philosophiae* — 1642-1658), Spinoza (*Ethica more geometrico demonstrata* — obra posthuma) e Hume (*Treatise on human nature* — 1739), e culminada pela infinidade de materialistas do fim do seculo XVIII (1). Da Renascença herdámos a Revolução na Arte, que se matiza até nós de Romantismo e Realismo; Gongorismo e Impressionismo; Modernismo e Futurismo. Descartes e Leibnits, Bacon e Locke, Kant levantam a Revolução Philosophica. A Revolução Franca accende-a em toda a Cultura. Dentro em pouco chefia Marx a Revolta Economica. E ninguem mais entendeu o mundo: um periodo azoico, de nebulosa.

Surgiu, então, prenunciada por Pufendorf, Cumberlandio (2), Hobbes e Locke talvez a peor das Revoluções: a Pedagogica Socialista, iniciada por Dewey, firmada nas novas invenções ethicas. E' este o nosso problema: as novas theorias do direito, baseando uma nova pedagogia.

PROBLEMA RECENTE, PORQUE NÃO E' O ASPECTO ECONOMICO

Até agora foi escassamente examinado. Leão XIII em suas encyclicas só encára o aspecto economico, porque não existia ainda o pedagogico, quando da *Quod Apostolici Muneris* (1878) e da *Rerum Novarum* (1891). Cathrein tanto na *Ethica* como no "Der Sozialismus" tem a mesma visão em que é seguido por quasi todos os que

(1) V. Franca, *Historia da Philosophia*, pgs. 171 a 176 (4ª ed.)

(2) Cf. Cathrein, *Ethica*, 16ª ed., p. 13.

versam sobre o Socialismo. ■ Pio XI, tres annos atraz, falava em Quadragesimo Anno (1931) "de uma nova forma de Socialismo até agora pouco conhecida." (3)

Porque o nosso problema não é o Economico. A pedagogia de Dewey ou de Natorp pouco tem que ver com os Economistas Socialistas. Exceptuando nos grandes pedagogos russos, em cujas theorias a educação transude de postulados marxistas — exceptuando estes, a Ethica Socialista de Pedagogia pouco tem que ver com Marx, Engels e Lasalle. Os Pedagogos Socialistas não curam da Economia, ou ao menos não se filiam a Marx. Dewey, mais radical em Pedagogia, que Lenine, talvez tivesse em Sociologia as mesmas idéas que os Juristas Catholicos sobre Cooperativismo ou Delimitação de Capitaes. Naturalmente, é uma incongruencia na philosophia totalitaria da vida; mas é a realidade. Do mesmo modo, Friedrich Paulsen é um dos nossos mais orthodoxos pedagogos, não obstante seu odio e sectarismo no campo philosophico. Em resumo: prescindimos do aspecto economico; apenas consideramos a base ethica da "Pedagogia" socialista, sejam quaes sejam as idéas de seus mentores em campos vizinhos.

SUMMARIO HISTORICO DO PROBLEMA

Tanto porém no problema Economico como no Ethico, a Igreja foi a primeira a constituir sua doutrina. Marx inventa novos absurdos economicos, e organiza a Internacional. E' um problema sómente "economico", ou melhor, apenas com a base ethica que alicérce essas theorias "economicas". Rompem immediatamente á liça Ketteler na Allemanha em 1848; Cardeal Manning na Inglaterra em 74; na França o Conde de Mun em 75; em 78 Leão XIII expede a "Quod Apostolici Muneris"; na Austria vemos em 88 o Conde de Vogelzang, e em 90 Descurtins na Suissa. Manifesta-se novamente no anno seguinte Leão XIII com sua immortal encyclica Rerum Novarum. E a luta se alastra a todos os paizes.

Penetra, então, a Igreja no subsólo do homem, indo sanar as raizes na educação social moderada.

A Pedagogia Catholica já tinha quasi dois millenios de existencia; bastaria consultar "O Pedagogo" de Clemente de Alexandria, Doutor da Igreja (cerca do anno 200). A Igreja, entretanto, reforma sua pedagogia nos moldes novos da Sciencia Juridica (que é nova, não obstante Platão, Aristoteles e Tomas de Aquino). E Otto Will-

(3) Of. Cathrein, Socialismo y Catholicismo, trad. José Sola. pag. 165.

mann funda, então, nossa Pedagogia Social Moderada com "Pedagogische Vorträge" (1869), e "Didaktik als Bildungslehre in ihren Beziehungen zur Sozialforschung und zur — Geschichte der Bildung"; Annos após, em 1899, apparecia a "School and Society" de Dewey, e em 1917 Lenine tomava as redes da Russia: dois factos que despejaram sobre o mundo os Natorp, as Krupskaja, os Kerchensteiner, os Lunatcharsky, os Durkheim, os Bukarine, os Bergemann, os Pinkevitch.

A Igreja foi mais diligente que os festejados philantropos socialistas. Com as "Corporações" da Idade Media precedeu magnificamente de 7 seculos a Marx. E antepoz-se com sua Pedagogia Social Moderada a todas as originalidades pedagogicas de Dewey. Impuzeram-se entretanto os novos assassinos do Direito Natural. Porque a novidade fascina. Ou melhor, para fascinar basta apregoar-se como novidade. E, no homem atheu, materialista, naturalista, e pobre, desgraçado... uma doutrina attrahente como o Socialismo, ou a Logica não tem valor, ou ha de germinar. E germinou, exuberantemente. E os paizes se encheram da "Escola Social Radical" de Dewey; das "Arbeitsschule" de Kerchensteiner; do "Monismo Social" e "Vida Unitaria Social" de Natorp; da "Pedagogia da Cultura" do Bergemann; do "Naturalismo pedagogico sociologico" de Durkheim.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Insistimos. A revolução da pedagogia socialista no campo Methodologico é digna de encomios, comquanto exaggerada por vezes; são os processos da Escola Nova. Mas em sua base philosophica a luta é de vida ou de morte. Agita-se em redor de dois problemas: tendencia natural de um homem para o colectivo de seus semelhantes; e soberanias relativas deste homem e d'este individuo. Ou: deveres sociais, direitos individuaes.

PLANO

Analysemos o individuo humano: a "forma" (a alma) determina-lhe a especie (animal racional) (4); e se manifesta pelas faculdades. Portanto, pelas faculdades que se deprehendem num individuo, affirmar-se-á qual seja sua alma e sua especie. As duas faculdades da "forma" intellectiva do homem são: Intelligencia e vontade (5). O

(4) S. Thomas II C. Gent., C. 93; C.J. Remer, Ontologia, ed. 7i, these XXIII, pg. 142.

(5) G. Sinibaldi, Anthropologia, 4ª edição, pg. 148 e 183 (Elementos de Philosophia, 2º vol.)

ente que "entende" (Intelligencia) e "quer" (Vontade), tem sua alma racional propria, vive.

Os pedagogos socialistas são inconscientes de seu alicerce philosophico, entretanto, a estrutura basica da pedagogia socialista fica synthetizada nestas palavras: Não é o individuo, mas a sociedade que "entende" e "quer". Portanto a Sociedade é o grande e unico Animal Racional. Elles não se levam de uma premissa para a conclusão, não sabem mesmo que poderiam fazel-o, mas colhendo e resuscitando idéas de Platão, Campanella, Comte e Taine, formam uma nova Philosophia da Vida. Philosophia legalmente deductivel, mas em bases falsissimas, como passaremos a dempnstrar.

A DOUTRINA QUE COMBATEMOS

O raciocinio inconsciente dos pedagogos socialistas é portanto: Vontade, Intelligencia são attributos da Sociedade. Donde é a Sociedade quem vive, quem tem uma alma. Os individuos são machinas movidas pela Sociedade. Por deducção concatenada: não ha ideaes além dos da Sociedade, nem Moraes, nem Religiosos, nem Artisticos. E sendo a educação, preparação para a vida, o unico ideal (ou ao menos o principal) da pedagogia é a Socialização. E já que Sociedade é Trabalho, socialização pelo trabalho.

E' a concepção socialista da vida. E' a latada cosmica, no dizer de Hovre, em que se enrosca a trepadeira da pedagogia. Porque si sem a lua não ha luares, si sem o sol o dia não surge, sem concepção da vida a pedagogia não morre porque nunca nasceu!

A SOCIEDADE "MANDA"

EXPOSIÇÃO

Examinemos a Philosophia Socialista da Vida.

O homem é um atomo de pó no turbilhão da vida. Uma palha no furacão. E tão absurdo é o grão de poeira reagir contra a ventania, como o homem desobedecer ao imperio do Meio. E' um escravo moral. A Sociedade finca-lhe no amago da Vontade as unhas retorcidas de mandarim. Velhas idéas da Anthropologia Materialista de Taine. "De todos os aspectos, dogmatiza Paul Bergemann, quanto aos instinctos, ás sensações, na vida cognoscitiva e volitiva, em synthese em toda a estrutura de seu espirito, a vida individual é dependente da

Sociedade" (6). Provas? Os suicídios que não diminuem a despeito de toda a luta. A immoralidade que como enguia escapole aos esforços da cathedra e do pulpito. O bom é perverso na sociedade má, e se santifica o máo na sociedade boa. Proclama-se a Revolução Franceza e cada francez é um fascinora; estabelece-se a Cruzada Pró-mutilados e cada francez é um Vicente de Paulo. Porque razão o Carijó, o mais santo da tribu, desventra os inimigos, mastigá-lhes o coração e espeta-lhe a caveira num páo, enquanto o monge, também na conquista da santidade, se submerge na mais pacífica das meditações? E' a tyrannia do meio. O individuo obedece aos imperativos irrefragáveis da Sociedade. O assassino, o immoral, são irresponsáveis de seus actos. Porque não existe liberdade. Erige-se em dogma o Determinismo Transcendente, Fatalista ou Social, isto é: ou por uma applicação á Ethica, do corrompido Fatalismo grego e mussulmano (Spinoza, Hume, Leibnitz, Kant, Schopenhauer (7), ou pela transformação do homem num tal ou qual catavento, modulado ás mínimas ventillações ambientes (Determinismo Social). Ou ainda por transmissão hereditaria de caracteres. Resurge-se o Determinismo Evolucionista com sua these da transmissão de caracteres já esculpidos ou orientados irremediavelmente em velhos ascendentes, e irremovíveis a não ser pela mesma evolução que os transformou (Transformismo e Evolucionismo de Lamarck, Darwin, Haeckel, Spencer e Fouillée (8). E enquanto Natorp, Bergemann defendem a escravidão pessoal ao meio ambiente, Durkheim sustenta a "suicidogenia" (9). E na Ethica Russa Marxista, "liberdade nada é senão uma necessidade de que se tem consciencia". (10).

Em synthese: A Sociedade é a grande Vontade, a unica virtuosa, a unica peccadora.

CRITICA

Respondemos: observação myope interpretação gratuita.

Deixe-se a Igreja pregar sua Moral, e o suicidio decrescerá, a immoralidade se attenuará. Eduque-se moralmente e bastará abrir

(6) Bergemann, Social Pedagogie, pag. 144.

(7) V. D'Alés, Dictionnaire Apologétique, vol. 1, pal. "Déterminisme", pag. 930.

(8) V. Franca, Historia da Philosophia, ed. 4a, p. 206 a 218.

(9) Cf. Eugéne Devaud, La Pedagogie Scolaire en Russie Sovietique, (Paris, Desclée de Brouwer & Cie.) p. 45.

metade dum olho para ver o resultado. Ponto desenvolvido á saciedade pelo grande jesuita em *Ensino Religioso e Ensino Leigo* (11).

A exegese do facto — já mutilado — é digna do criticismo de Friedrich Strauss. Não negamos a veracidade provavel do aphorisma: "diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és". A veracidade porém, não passa de provavel; o meio influe, não determina. Predispõe, não obriga. Fiscaliza, vigia, não escraviza. Póde existir a Violencia — uma força extrinseca irreprimivel (Fatalismo — Determinismo Social que desresponsabilizem a Vontade). Póde haver um complexo hereditario — uma força intrinseca invencivel (Determinismo Evolucionista que rompa com a Liberdade). Mas são casos rarissimos. O criminoso que se arrepende, reconhece-se fautor livre de um acto. E quem reprime a instigação de um acto perverso, póde asseverar que reprimiu porque o quiz; e comettel-o-ia tambem si o quizesse. E isto é de experiencia quotidiana. Dizer que tomo o bonde na Praça Tiradentes ou divirto-me na Quinta da Bôa Vista por determinação infalivel do ambiente carioca é tão absurdo como affirmar que Baudelaire pintava de verde os cabellos por suggestão fatal dos esverdeados ciprestes da campina franceza. O Determinismo Evolucionista é uma fabula. Não ha duvida. Dum antropophago casal de Aymorés não teria surgido um terno Guy de Fontgalland. Nem uma doce Terezinha. Existe a herança do sangue. Mas não ha escravidão. Os Santos não foram filhos de Santos. Os heroes tiveram muitas vezes paes mediocres ou nullos. E os filhos dos Santos e dos heroes foram muitas vezes sceletrados ou entes inuteis. Explicar Napoleão pelas qualidades guerreiras de dois camponios Corsos, ou Kant pela genio de uma matrona de Koenigsberg, ou ainda Hitler pelos ideaes emancipadores de um funcionario publico da Austria, é dispensar toda critica.

O Determinismo Social é outra fabula. A Sociedade ambiente não acorrenta a Vontade do individuo. O homem é social, e um tanto friavel ás idéas circumstantes. Mas reage quando bem lhe apraz. Saulo entre pagãos da Tracia não é idolatra. Nem Thomé, nem Xavier junto dos fetichistas Indianos. Nem Ancheita em Iperoig dos Tamoyos. Pancrácio e Tarcisio não foram grãos de poeira no furacão das 600 mil crianças da Roma dos Cesares. Berthelot e Pasteur são contemporaneos. Veuillot e Renan convivem durante 60 annos. Lamenais e Lacordaire, Jansenio e Francisco de Salles são collegas no sacerdocio e no episcopado. Medeiros de Albuquerque e Jackson de Figueiredo bebem o mesmo veneno da Sociedade. Francisco de Borja

(11) V. Franca, *Ensino Religioso e Ensino Leigo*, pgs. 35 a 40.

é um anjo de castidade nos abusos da Córte Hespanhola, e o monje Luthero casa-se com uma freira! O homem é livre! Sempre que estiver fóra dos manicômios! A formalidade do acto racional foge a todos os azorragues das Sociedades ambientes, a todos os "guidons" das hereditariedades crystalizadas!

A SOCIEDADE PENSA:

EXPOSIÇÃO

O Socialismo sóbe mais um degrao. O individuo nem mesmo pensa. Intelligencia é attributo da Sociedade. Muller-Lyer o proclama com uma diaphanidade aterradora: "Aquillo que pensa na cabeça do homem não é o homem mas a Commuidade (12). E' um erro novo, ou ao menos de fatiôta nova. Mas resente-se do Pampsychismo e Monismo antigo, que transformava tudo em manifestação do grande Ente-Intelligente, Infinito, Necessario, Absoluto —, contraído nas coisas individuaes; consequentemente todas as accões partem de um mesmo agente. Em abono da these temos: As mais bellas produccões do espirito não são productos individuaes: espirito da epoca, conceito da vida, marcha das idéas, evoluções das sciências e das artes e outras muitas. Os grandes pensamentos, as grandes idéas antigas e modernas não foram e não são individuaes. São collectivas. Platão e Aristoteles foram uma repercussão psychicha da Idéa Grega Collectiva. Phidias ou Thorwaldsen foram phases, foram instantaneos da Estatua-ria Collectiva. Não pensamos, somos a arena dos pensamentos da Sociedade.

Ha manifesto parentesco com o Materialismo Historico de Marx. Para este, a idéa é a repercussão na superstructura interna, das necessidades economicas da estrutura externa". É um grande homem, "um producto sui generis do balcão desta mesma necessidade economica". A Concepção da Vida da Pedagogia Socialista apenas afasta o termo "economia". Aquillo que em nós chamamos "idéa" é a repercussão no individuo, dos pensamentos sociaes. E o que ingenuamente appellidamos "grande Homem" um producto sui generis das idéas sociaes, — ou melhor — usando do termo tão disfarçada mas profundamente determinista ás vezes — um momento da "Evolução Social". Descartes, Kant, não foram senão occasiões bem dispostas para

(12) F. Muller-Lyer; Die Entwicklungstufen der Menschkeit Eine Systematische Soziologie. Der Sinn des Lebens. Munchen Langen. 1921, p. 259.

a Sociedade manifestar-se intellectualmente pelo "Discurso do Methodo" ou "Crítica da Razão Pura". Idéas sociaes romanas de Architectura, elevam a Basilica do Vaticano, tomando Miguel Angelo como instrumento. Pio XI não pôde pensar; as idéas recebe-as da Sociedade Cardinalicia ou da Evolução fatal da Idéa Christã. Revolução Franceza — um exemplo entre muitos movimentos da multidão — nada tem que ver com individuos. Nada com a Reforma de Luthero, o despotismo de Luiz XIV, os abusos de Jansenio, nada com Voltaire, Diderot. Nem a guilhotina com Robespierre, Danton, Marat. Pois todos esses são individuos. Nem mesmo o Communismo Russo com Marx, Lasalle, Kautsky, Lenine, Stalin. Porque os "phenomenos collectivos, na theoria de Durkheim não têm origem nos individuos espalhando-se depois na Sociedade, mas emanam da Sociedade, diffundindo-se depois nos individuos". (13)

CRITICA

Mas o principio é falsissimo. As idéas concatenam-se de individuo para individuo, de escola para escola, é verdade. Concatenação que impede Aristoteles vir sem Platão, o estylo Basilical sem as ordens Gregas, o Parnasianismo de Leconte de Lisle sem o Romantismo de Victor Hugo, o Communismo Vermelho sem a Democracia da Encyclopedia. Franz de Hovre affirma: "Thomaz de Aquino não era possivel entre os Gregos, como Platão não seria possivel na America actual. Goethe é incomprehensivel nas Indias, como não se pôde imaginar Shakespeare entre os Pelle-Vermelhas." (14) Mas apesar de tudo, o pensamento é individual. E' livre. E' a mais imanente das operações. A intelligencia é a primeira faculdade, a mais intima das faculdades (pois não tende para um Bem extranho como a Vontade) desta alma que é una, propria, individuada in aeternum neste nosso "eu" incommunicavel. A intelligencia forma "conceitos" baseando-se nas percepções dos sentidos externos e internos; portanto o ambiente talvez não lhe preste occasião para a totalidade dos conceitos (em exemplo ordinario: o "Zulu" da Africa talvez não forme conceito do "gelo", ou o Singalez, do "puma brasileiro"). Mas o maior poder da intelligencia está no "juizo"; está em affirmar ou negar; em approximar com um "é" ou afastar com um "não é" dois conceitos. E a

(13) Durkheim, La Science positive de la Morale en Allemagne, p. 118.

(14) Hovre, Essai de Philosophie Pedagogique p. 157 (Bruxelas, Dewit 1927).

faculdade intellectiva é da mais absoluta independencia neste ponto. Poderá estar vendo um milagre, e estar negando a possibilidade do milagre; poderá viver como Virgilio num ambiente pôdre de vicios gregos, e ter a sublime candura das Eglogas. O homem pensa, reflecte, examina, considera, abysmado nos antros do seu "Eu". O que ahi ficar sepultado, será como o Megaterio antidiluviano em sua caverna millenaria; a Sociedade nunca se dará contas nem desfrutará deste pensamento não manifestado. (15). Aproveitar-se-á sómente do que emergir na exterioridade do Eu; como nestes campos de cupim em que ha um mundo subterraneo intangivel e as conicas estalagmites de argilla, onde esmiuça o gavião "cará-cará". Socrates vive entre Sophistas, e é o chicote dos Sophistas. Zenão, o fundador do terrivel Estoicismo, e Epicuro do mais obsceno hedonismo, convivem durante 71 annos, com as escolas na mesma cidade de Athenas (a Historia dá, ás vezes, destas gargalhadas...). Em exemplo pelo avesso (digo "pelo avesso" pois aquelle mostra como na mesma sociedade ha idéas dispaes e contrarias; este, que em sociedades differentes revive a mesma idéa): Marco Aurelio e Epicteto são Estoicos, soffrendo um a influencia da côrte, outro a das tulhas. Matheus e Pedro fazem o noviciado um no telonio, outro na barca; e em ambos a mesma docilidade, a mesma renuncia absoluta. Sylvio Pelico biographando-se das masmorras austriacas, tem os mesmos acentos da penna estudantina de Casimiro de Abreu. E si Pasteur só escreve num ambiente luxuoso de escriptorio parisiense, Verlaine rabisca symbolismos angelicos na companhia cru' de bebados de prisão, e Fagundes Varella poetiza, na Paulicéa, estirado num degrao sujo de casa alheia. Cicerro, em pleno cataclisma de Roma pela morte de Cesar, com as legiões de Antonio e de Augusto, escreve cartas a sua esposa Pomponia, com uma ternura de Sevigné. E que mais frizante exemplo queremos, que este?: o maior discipulo do americanissimo Dewey, é Kerchensteiner, da carrancuda Allemanha.

CONCLUSÃO SOCIALISTA: A SOCIEDADE VIVE

Mas a Pedagogia Socialista não se importou com a nossa critica. E tirou a conclusão: a Sociedade vive, não o Individuo. Apenas ha a contracção do Uno (Sociedade) no multiplo (nos individuos). A Comunidade é o Brahma Absoluto multiplicado accidentalmente nos Atman individuaes (as ideologias ethico-socialistas e Brahmanistas

(15) Exceptuamos a Communhão dos Santos

(16) Bergemann, Sozial padagogik, pag. 240.

são mais semelhantes do que parecem). Fala Bergemann: "O Indivíduo não tem senão uma existencia apparente... Estamos presos, debatemo-nos no fio historico (nos guantes de ferro da Evolução Social) como peixes no anzol" (17) E Natorp: "E' um eterno erro crêr que a gente é individuo; em todas as pulsações de nossa vida individual, repercute physica e psychicamente a vida da Communidade" (18). Entra em scena a febre de Biologia do nosso seculo, e dão de presente á Sociedade uma vida como a de qualquer animal. O Organicismo, com galões de quarto reino, o Reino Social, (19) faz a Sociedade viver tão biologicamente como um elephante ou um europeu. Tem pensamentos, tem digestões. Provou-se que a Allemanha é do sexo masculino e que chegou no seculo XVIII á idade physiologica dos 18 annos.

CONSEQUENCIAS:

As consequencias são duas: Primeiro, aquillo que chamamos "homem", só é pela Sociedade. Segundo, não ha idéaes pessoas, não ha idéaes religiosos, moraes, além dos da Communidade. Porque Religião e Moral actuam no homem individuo, em razão de ser elle racional e livre. Mas não o é.

1ª CONSEQUENCIA

A este bipede que se veste e anda de automovel, classificamos como "homem só porque se sociou. O homem é um ente sem nenhuma differença intrinseca dos irracionaes, e que se "humanizou" unicamente pela socialização. Em terminologia escolastica: o fundamento do universal "homem" não está na igualdade essencial, mas ou no facto extrinseco da socialização ou no intrinseco da sociabilidade. O homem não é Animal Racional, mas Animal Social. Affirma-o Natorp: "Sem a Sociedade o homem não é homem". (20) E Muller-Lyer argumenta com a "formidavel premissa de que sem a Sociedade o homem seria um "idiota mudo". (21). Durkheim: "O homem só é

(17) Id., ib., pag. 241.

(18) Natorp. Religion, pag. 2.

(19) Durkheim, La Determination du fait moral, "Bulletin de la Societé française de Philosophie, 1906 — pag 130.

(20) Natorp, Sozialpaedagogik, pag. 84

(21) F. Muller-Lyer, liv. cit., pag. 259.

homem na medida em que é civilizado; ora, a civilização vem da Sociedade. (22) “Em resumo: o homem é um bruto que se sociou.

CRITICA

Dispensa-se todo o commentario. Pôr a razão de uma differença essencial e especifica existente entre “homem” e “não homem”, num facto accidental ou numa qualidade accidental (ou no facto da socialização, ou na qualidade da sociabilidade) é irrisorio como os sophismas de Diogenes. A gente ri, e não responde. Confundem essencia com accidente, especie com qualidade, o “proprio” com a essencia! todo facto observado énorma, todo juizo justo, um criterio; todo homem é risivel, portanto a essencia do homem é ser risivel; todo homem é social, portanto esta é sua essencia. Extranhamos até — talvez pareçam palayras ôcas, mas são da mais esmeraldina logica — extranhamos até — não se humanizar por exemplo, o gato. E’ sociabilissimo. Vive entre os homens. Utilissimo á sociedade, mātando ratos... Exigil-o-ia a Logica, mas esta morre onde grassa a epidemia das hypotheses gratuitas!

2ª CONSEQUENCIA

A) IDEAES RELIGIOSOS

Resta-nos a segunda consequencia. Não ha ideaes fóra os da Communiidade. Nem Religiosos nem Moraes. Porque, exceptuando minguados momentos na historia de um paiz, o povo não precisa de Religião para cumprir seus deveres sociaes. Nada de Religião portanto. Natorp em “Religion” proscryve todo o Dogma, Vida Futura, Crenças Sobrenaturaes, por inuteis para a Sociedade. (23). Admitte unicamente uma Religião sem Deus (?!), só com fins sociaes, firmada na Idéa Transcendental de Humanidade (24). Porque a Sociedade é o Deus de Abrahão, Isaac, Dewey, e Natorp. Durkheim é de uma ingenuidade encantadora: “Entre Deus e a Sociedade é preciso escolher... Accrescento que a meu ver, esta escolha me deixa bastante indifferente, porque não vejo na Divindade senão a Sociedade transfi-

(22) Durkheim, art. cit., pag. 130.

(23) Natorp, Religion, pag. 61.

(24) Natorp se filia a Hermann Cohen na Escola Logistica Marburgense, evoluindo de Kant. V. Klimke-Institutiones Historiae Philosophiae, vol. II, pag. 96.

gurada e pensada simbolicamente. (25)". O facto religioso, continua Durkheim, compõe-se de um objecto e um culto. O objecto é qualquer coisa evoluida do Totem primitivo-animal ou planta sacra, symbolo da união social. O culto apenas existe pela actuação constante da comunidade sobre a imaginação e o sentimento dos componentes da tribu ou povo. (26).

B) IDEAS MORAES

A Moralidade é decepada na mesma guilhotina. (Aliás nem tem significação esta phrase: homem moral, homem immoral. Do mesmo modo como nada significa: este gato moral, esta cascavel immoral. Pois só é sujeito da Moral quem possui liberdade, consciencia e actos especificos; tudo isto negamos ao individuo, reportando-os á Sociedade. O Brasil ou o Rio de Janeiro pôde ser moral ou immoral; um brasileiro ou um carioca não — prohibe-o o sr. Natorp em "Sozial Pädagogik (27) Moral natural, sanção divina, lei natural, principios sobrenaturaes são historias de Ali Babá. O criterio de Moralidade é a Sociedade. O padrão da Moralidade é a Sociedade. O fim, a Sociedade. Durkheim tenta provas: Só ha Moral onde ha sanção. A sanção deverá estar acima do sujeito da Moral. Acima de nós apenas temos a Sociedade. E, já que é norma da Moral o que a sanciona, por conclusão temos a Sociedade como norma da Moral. (28). Bom argumento, deixando porém por provar a insustentavel premissa "acima de nós temos a Sociedade". Para Dewey, "a trindade da Evolução Moral é: intuição social, força social, interesse social... Os motivos Moraes nada são emfim de contas, senão intenções e forças sociaes, postas ao serviço de fins sociaes." (29) O adjectivo "social" é o unico bilhete de entrada para a Ethica Socialista. O mesmo Dewey afirma: "Moralidade e Sociabilidade são coisas identicas. (30" E na Russia, Lenine — apresentando apenas Lenine, porque os demagogos são legião — affirmava que era falso ter o Communismo destruido a Moral. Falsissimo. Arrazamos a Moral Burgueza, firmada em Deus e em crenças idealistas. Mas construimos outra maior, firmada na So-

(25) Durkheim, art. cit., pag. 130.

(26) Lahr, Cours de Philosophie, vol. 2, pag. 710.

(27) Natorp, Sozial pedagogik, pag. 100.

(28) Durkheim Educação e Sociologia, trad. Lourenço Filho, Bibliotheca de Educação, vol. V.

(29) Dewey, Moral principles in Education, pag. 43.

(30) Dewey, Ethics, pag. 436.

cidade. (31) "Construimos" é o verbo tecnico... Negada a Moral Christã, Sobrenatural, constroem systemas moraes, com a mesma trigonometria com que se levantam edificios ou se lançam pontes.

C) IDEAES PESSOAES

Os ideaes pessoaes são proscriptos a fortiori. Tanto os ideaes transcendentés á eleição do homem (Deus, salvação), como os que a liberdade do homem escolhe para seu escopo accidental (ideaes scientificos, ideaes esteticos, etc...) O homem não pôde visar sua felicidade, a salvação de sua alma, porque é um fim individual. São proscriptos os ideaes artisticos pessoaes, como querem Gorter, Roland Holst e Adama von Schetema. (32) Foi um crime de Beethoven compôr a Sonata em Si Bemol, para em seu martyrio dos ultimos annos, idealizar uma alegria delirante. Artistica é a Musica das Machinas de Mossolov, com um leitmotiv do estrondo dos tratores. Tasso nunca foi artista com Jerusalem Libertada. Foi-o Companela com Civitas Soli. "Cantico do Calvariô" de Varella ou "Memorias postumas", de Machado de Assis são proscriptos. Apenas são approvadas as odes de Castro Alves pela Redempção dos Captivos ou os romances de Oswald de Andrade. O ideal scientifico apenas tem valor com o rotulo "Social". A descoberta da bussola ou do Raio Z, os estudos de Hirn ou de Piccard são valorizados pelo maior ou menor fruto social. Emfim, em todos os campos, o homem só tem um ideal: a Sociedade. E' um mercenario.

Mas é um absurdo! O mercenario, o homem sem ideal, foi sempre um ente nullo. Hanibal atravessa os Pyreneus e os Alpes, fulmina cinco consules generaes, acampa á sombra de Roma, mas é destroçado por Zama. Por que? Porque pouco adeanta pôr em campo o exercito de 50 paizes, se são todos "mercenarios"! Assuero invade a Grecia com 700.000 infantes e 400.000 cavalleiros. Mas em vão, eram mercenarios. Ou o homem batalha para si, para seu proveito, seja terreno — e temos o lutador da vida —, seja sobrenatural — e temos os Francisco Xavier, os João Bosco — ou nada fará. Viver para a Sociedade talvez sirva para as colonias de pinguins do Polo, ou de Flamingos brasileiros do Lago Piratuba. Para o homem, não passa de uma artistica utopia.

Explanei as tres consequencias: negação de ideaes religiosos, de

(31) Lenine et la Jeunesse, pag. 18 a 28 passim. Cit. Eugéne Dévaud, liv. cit., pag. 168.

(32) Hovre, Essais de Philosophie Pédagogique, pag. 82.

ideaes moraes, de quaesquer ideaes pessoas. Poucas palavras de critica accrescentei, pois já foram negadas as duas premissas e a conclusão de que emanam estas consequencias.

São tres absurdos que se destróem por si mesmos: O endeusamento da Sociedade (Monismo Humanitario Sociologico de Saint-Simon, Comte, Proudhon, Fourier, Leroux) (33); a abolição (ou restricção) da Moral sempre que não fôr util a Sociedade (Utilitarismo Social, seguido mais ou menos por Stuart Mill, Lotse, Sidwick, Ziegler, Bain, Paulsen); a proscricção absurda dos ideaes pessoas (absurda, porque o fim ultimo interno do homem é a felicidade, e nada faz o homem que não se compatibiliza com este escopo).

APPLICAÇÃO DA ETHICA A' PEDAGOGIA:

Estamos no amago da Ethica Socialista. A paisagem é de destroços. Mas, mesmo assim applicuemol-a. Educar é tornar apto para a vida (vida sobrenatural porém, é fabula de Esopo...). Vida é Sociedade. Educar é Socializar. Os 10 Mandamentos da Pedagogia são um só: Socialização. Só e só. Tão unicamente só, que Chulgine, seguido de um grupo de bolchevistas, propoz ao Conselho de Educação Russo que se abolisse a Escola; atirado o bebê á Sociedade, logo se socializaria; e este é o unico fim da educação; (34) A definição de Educação dada por Kerchensteiner é individuante da doutrina: "Educação é o acto cultural da comunidade, que distribue ao pupillo bens culturaes determinados (religião, moral, direito, sciencias, arte, technica, maneiras e costumes sociaes) de modo tal que desenvolvam na criança conforme suas disposições, o máximo de energia cultural em proveito do maximo de bem estar da Comunidade." (35) Não é, portanto, aperfeiçoamento da alma, não é formação moral, ensino scientifico, desenvolvimento de qualidades pessoas, não é impulso para a marcha nos ideaes do individuo. E' socialização. O que não parte da Sociedade ou será cohibido, ou tolerado se ao menos dêr fructos sufficientemente sociaes. Tolerem-se por benevolencia generosa os Collegios Jesuitas, ou os Oratorios Salesianos. Mas elimine-se toda a ordem religiosa enclausurada. Um noviciado de Carmelitas é

(33) V. Dictionnaire Apologétique, D'alés, vol. III, 1ª parte pal. Monisme, pag. 883.

(34) L. Van Acker, A lição da moderna Pedagogia Russa. A Ordem, Set-Out de 1933, p. 732 — Devaud, liv. cit.

(35) Kerchensteiner, Deutsche Erziehung in Krieg und Frieden, p. 132.

um crime de educação. Antão, Macario, o Eremita são réos de lesa-pedagogia. Só é pedagogico o que é social. Só é social o que é escravo da Communidade.

PARA SOCIALIZAR, VIVER EM SOCIEDADE:

Para socializar, entretanto, é preciso já viver em sociedade. Porque “preparar para a vida social, sem viver em sociedade, é, na expressão de Dewey, aprender a nadar sem entrar nagua.” (36) A escola então se revoluciona. O professor toma papel secundario, entrando em fóco os alumnos. Discutem, combinam, mandam. Espirito de iniciativa, Lealdade, espirito serviçal tornam-se virtudes teologicas e cardinaes. Já são cidadãos, já se reconhecem membros dum paiz. No estudo appella-se para os “grupos de discussão”, em que nada se decide, se aprende, se estuda, se decora, se examina a não ser juntamente com os collegas. Kerchensteiner reprova acerbamente a pedagogia da “minha intelligencia, meu saber, minha memoria, minhas capacidades intellectuaes, todas as minhas vantagens pessoaes. Quanto a mim, eu recebo boas notas; quanto a mim, eu sou recompensado; quanto a mim, eu sai-me bem nos meus exames.” (37) (Para contentar entretanto o pedagogo de Munich, seriam necessarios exames collectivos, notas collectivas... e uma das mais preceituadas obrigações seria o que os nossos alumnos chamam de “colla”... E’ isto que deseja Kerchensteiner?)

Fundam-se associações internacionaes de cultura socializante da infancia. Austria, Dinamarca enchem-se de “Amigos das Crianças”, Belgica de “Roode Valken” (falcões vermelhos), enquanto a força socializadora do Escoteirismo é cada vez avigorada (tenha-se em campo visual Stalin, Mussolini, Hitler). As “Kindersrepublike” da Allemanha (eliminadas ou refundidas ultimamente pelo chanceller nazista), — grandes acampamentos de vida social infantil —, eram da mais radical immoralidade. (38) Na Russia, socialização é synonymo de desmoralização. E que coisa existe mais social que 9 milhões de pequenos vagabundos? Vivem em grupo... aos 6 annos já roubam em grupo... aos 10 já matam em grupo...

Nos divertimentos tambem entra o cuidado da socialização. O football é acclamado por occasionar a fusão social de um grupo de 11 educandos; o tennis já não goza do mesmo valor pedagogico. Emfim,

(36) Dewey, Moral Principles, pag. 14.

(37) Kerchensteiner, Frei Bahn, pp. 18-19.

(38) Cathrein, liv. cit., pag. 115.

a "Escola moderna, commenta Jesse Newlon, terá salas de sessões, bibliothecas, gymnasios, officinas, salas de jantar e muitas outras de character social (39)." (E tudo tambem nas simples Escolas Publicas...) Consentaneos com estas ideas, abundam nas revistas os artigos dos nossos Pioneiros. E, aliás, não entra em nosso plano, discussão de Methodologia ou de Escola Nova.

EDUCAÇÃO NO TRABALHO:

Além de tudo, educar já no trabalho. Porque o trabalho é "a base social da vida" (40), essencia da vida humana" (41) para Dewey. Kerchensteiner abraça a phrase de Carlyle: "O homem só é homem pelo trabalho" (42). E' o Activismo americano. Uma febre de movimento, uma condenção absoluta de todo o socego, de tudo o que chamam "passividade". A Escola será uma vida real, vida de fabrica, vida de trincheira, vida do que fôr, mas sempre vida. Na Russia, grassou o mesmo activismo, como attesta a definição de Blonsky: "Educar é tornar a criança apta para produzir objectos uteis á Sociedade". (43) Nas escolas de Agronomia por exemplo, os alumnos aprendem trepados nos tractores e arados das Sovkosas. Num activismo tão exaggerado que 92 o|o dos estudantes abandonam por fim os estudos para trabalhar nas fabricas.

Actividade é a senha da Methodologia Socialista. A febre americana. A este activismo só um commentario: é uma necessidade. Mas o exaggero é pernicioso. A activissima America do Norte poucos homens teve á altura dos da concentradissima Allemanha: Goethe, Schiller, Alberto Magno, Kant, Leibnitz, Hegel, Fichte, Beethoven, Wagner, Mozart, Bach, Moltke, Bismarck, Humboldt, Kepler e tantos outros. Nem dos Canisio, Ketteler, Hummelaver, Eisenach, Foerster, Murillo, Pesch, Knabenhauer, Frobes, Cathrein.

A ETHICA DA IGREJA:

A Igreja destróe; e edifica. E si desmorona a Ethica Socialista, levanta o Arco Triumphal da Catholica. Até hoje não largou da espa-

(39) Jesse Newlon, A influencia de J. Dewey nas Escolas, Revista de Educação, Março de 1935, pag. 53.

(40) Dewey, Schools of to Morrow, pag. 165.

(41) Id. ib., pag. 164

(42) Kerchensteiner, Die komende Schule, pag. 44.

(43) Dévaud, liv. cit. pag. 119.

da. E si a Pedagogia Socialista, desesperada da Economia do velho Marx, brandiu a Ethica, o Direito Natural, a Igreja abysmou-se na mais metaphysica base do Ser, e voltou á tona com os principios inabalaveis do Direito, enristando a Ethica, empunhando o Direito Natural.

A base de toda a Ethica da Igreja é a these da Creação: Deus creou o homem. Portanto: o homem não é um Deus (monismo Pantheismo). Portanto: o homem é um subdito de Deus (Autonomismo, Naturalismo, Socialismo).

PHILOSOPHIA CREACIONAL DO SER:

Vejamos: Deus decide glorificar-se por uma Creação; e chegando ao homem, produz sua ultima realização de exemplaridade divina. A Intelligencia concebe na Essencia Divina as perfeições imitaveis. Concebe tambem uma tal ou qual imitação de si proprio, uma semelhança "per modum imaginis", um ente que reflecta a essencia divina, um pouco de anjo misturado com lama. Realizou-a. Emquanto este ente fôr criatura e racional, — e sel-o-á eternamente — seu fim será o mesmo fim que presidiu a sua Creação: a gloria formal de Deus, a felicidade do ente creado. Esta orientação precede o uso das faculdades humanas. E' lhes superior, inalienavel. O homem é um sublime escravo desta finalidade eterna. Todos os fins do universo organico e inorganico foram atirados aos pés desta coisa que se chamou: Adá, o homem. E este homem, unico ente (com os anjos) capaz de dar uma gloria consciente, formal, a Deus, deveu tender para seu Creador, chefiando todo o sequito de fins inconscientes da Creação. Deveu viver algum tempo misturado com a lama — aliás, pedaço potestativo do Eu — e depois tornar a Deus. E' a Psychologia da Creação. Alicerce de toda a Metaphysica sã. Primeiro e gigantesco paredão do Direito Natural. E de facto, a existencia do Relativo foi o maior mysterio das intelligencias que não conceberam o Absoluto e as relações vigentes entre Absoluto e Relativo. O Brahmanismo põe a Deus — o Absoluto — contraído essencialmente em todas as coisas, — Relativas —. O Pantheismo diviniza todos os entes — faz Absolutos todos os Relativos —. O Monismo prega a unidade intima de tudo — Absoluto e Relativo é tudo a mesma coisa —, emquanto o Evolucionismo e Transformismo (geralmente atheu e materialista) tenta extrair o mundo da evolução do Nada, rumo ás formas superiores (sensitivas, intellectivas) — o Absoluto evolue do Relativo e este do Nada —. Grandes erros. Mas era fatal que erras-

sem, esquecida a these creacional. Porque negado o Ente Absoluto como causa e criterio da existencia de um Ente Relativo, a Ontologia torna-se Theodicea (Panteismo Monista), — pois todo ente será por essencia, Divindade. — ; e desta fusão resulta o pleno Agnosticismo em Metaphysica. Impor-se-á o Relativismo no Conhecimento pois só ha verdade fixa, onde ha um absoluto demarcador da hierarchia dos Relativos. Isto é: a Verdade Ontologica das coisas basea-se na semelhança com a essencia de um Absoluto (falo da Verdade Ontologica — adequação das coisas á idéa geratriz de Deus — que será o objecto sufficiente da Verdade Logica-adequação da Intelligencia Humana á Verdade Ontologica das coisas). No estudo do Relativo, negue-se o Absoluto e não ha Verdade (Scepticismo); ignora-se o Absoluto e ignora-se a Verdade (Agnosticismo); prescinda-se do Absoluto e não ha norma conhecida de Verdade (Relativismo). Impor-se-á o Scepticismo em Religião, como conclusão logica do desconhecimento de um Ente Perfeito que faça ju's á nossa adoração. Impor-se-á a Anarchia nas Relações Sociaes, por não haver principio sufficiente donde promana a Autoridade. Impor-se-á o Naturalismo em Pedagogia, pela inconsciencia de leis superiores ás da natureza. Impor-se-á finalmente o Materialismo em Ethica por dedução legitima da não existencia do homem de um principio espiritual, com finalidade (ordenado por Deus), superior a breves instantes de vida terrena. Emfim: a Philosophia da Vida, alicerce imprescindivel de qualquer Pedagogia, será amorfa, incolôr e morta. Terá o nome de Epicureista ou Estrica, Hedonista ou Sceptica, Positivista ou Socialista, mas será sempre a Philosophia-cadaver dos pagãos antigos e modernos que desconheceraem ou affirmaram desconhecer que o homem foi feito por Deus e é subdito de seu Creador.

Em resumo: a doutrina Creacional é a base da sciencia do Ser e o fundamento da concepção do Individuo e dos fins ethicos do Individuo. Deus é o fim. Esta finalidade — que é tão asceptica como juridica, tão mystica como sociologica — se realiza, se reduz, se contráe em: salvar sua alma. Porque salvar a alma é a realização suprema dos dois fins transcendentaes: dar gloria formal a Deus, possuir a felicidade perfeita. E' a doutrina integra catholica sobre o ideal do Individuo.

PHILOSOPHIA DO INSTINCTO DE SOCIABILIDADE:

Mas aquella lama separava em muitos "Eus", a essencia especifica que é uma unica antes da materialização; que Deus crêa multi-

plamente, mas que é singular na exemplaridade divina (Notar que: o que individualiza é a materia; a essência humana é uma só; todos os homens são imagens da mesma exemplaridade divina: animal racional). Infundiu Deus então nesta sua obra, uma tendencia intrinseca que unisse extrinsecamente os entes multiplicados pela materia. E como o modo commum de Deus agir no universo, depois da Creação, é a "natureza", gravou Deus no homem este habito "natural": o principio de sociabilidade. E como se quizesse ver se surtira resultado, deixa o homem sozinho. Adão implora um companheiro. A experiencia dera certo. O homem era sociavel, tendia para seus semelhantes (44). Mas era uma tendencia, um instincto, um habito, mas não uma essencia, como querem os nossos Socialistas. Contra os actos essenciaes não póde o homem reagir. Formadas as faculdades e os órgãos, o homem não terá mão em recalcar os actos intellectuaes e os actos animaes. Porque sua essencia é "Animal Racional". Conbaterá porém si lhe aprouver, contra instinctos (ordem real), contra "proprios" (ordem de razão): poderá nunca sorrir — como dizem de Christo, e é historico desde a mocidade de São João Chrisostomo e São Jeronimo: — não deixará, porém, de ser risivel. Poderá sepultar-se nas cavernas da Tebaida: continuará a ser social, continuará a ter este instincto agregario racional.

E' uma tendencia, tem imperativos, mas não é incoercivel. E o homem tem pleno direito deste recalçamento, quando a socialização obstasse seu fim primeiro. "Homem" e "Sociedade" porém não são antinomios inextricaveis. O instincto regrado racionalmente não contraria a meta individual. Ha uma sabedoria empolgante na doação de fins ao homem. Todos elles seguem a mesma direcção. Pois darem-se como escopo o Rio de Janeiro e como meio caminho Porto Alegre, e no minimo uma falta de sizo. E não ha defficiencia de sizo na Ethica do Individuo. Tudo se encaminha para a finalidade transcendental: a união com Deus. E um termo medio, um auxilio, um apoio para esta consecução, é a Sociedade.

E' o que negam os nossos Pedagogos Socialistas. O alvo de todos os tiros dos Natorp, dos Durkheim é a teoria que acabamos de enunciar.

(44) Dizer que "Deus" infundiu esta tendencia" é dar a razão ultima de uma tendencia natural. Que é a natureza de uma coisa no sentido de: conjuncto de disposições e tendencias intrinsecas? Simplesmente: Ratio quaedam arti scilicet divinae, indita rebus, qua ipsae res moventur ad finem determinatum (S. Th. II Phis., 1. 14).

A LUTA ETHICA: INDIVIDUO E SOCIEDADE

A Ethica nasceu no momento em que se ascentiu a doutrina Creacional. Porque já tem como postulado a differença entre o Absoluto e o Relativo e a relação de effeito do Relativo para com o Absoluto. Sem Theodicéa não ha Ethica. Formada, então a Ethica, revelam-se os direitos e deveres.

Temos o dever de ser uteis á Sociedade. E' principio basico da Pedagogia Catholica, esquecido muitas vezes por nós por influxo dos ultimos seculos de individualismo. Mas como um meio, não como um fim. Ser uteis á Sociedade, porque é uma exigencia para ella poder realizar sua finalidade: ajudar os individuos a conseguirem em sua vida terrena, seu escopo individual. Dedicar-se á Sociedade como fim é o principio que a Igreja combate sem treguas contra Comte, Schleiermacher, Gizycki, Paulsen, Kerchensteiner, Stuart Mill, Schopenhauer, Wundt, Lotse e outros. Assegurada entretanto esta clausula, não podemos viver como espectadores a contemplar a Sociedade, applaudil-a ou vaial-a como em archibancada de circo: "Devemos viver "na" Sociedade, "com" a Sociedade, avisa Willmann e não "na" Sociedade, como um prisioneiro, a achar saboroso tudo o que lhe vem da cozinha". (45)

Temos direitos tambem. Baseados na Philosophia do Ser supra vista: Ha uma distancia enorme entre o valor do fim individual e da tendencia ao grupo. A Sociedade é a garantia de uma vida capaz de conseguir o fim ultimo. E, portanto, tanto o fim ultimo, como sua consecução, estão acima da Comunidade: tanto tenho o dever de subordinar a Sociedade a Deus, como de recalcal-a sempre que obstar a consecução de meu escopo transcendental: a salvação.

Na vida terrena entretanto (na vida concreta em que ha finalidades essenciaes e accidentaes) nem a soberania do individuo nem da Sociedade são absolutas, como nota Tristão. "Temos a coexistencia de soberanias naturalmente relativas, pois possuiue cada qual sua esphera de acção delimitada." (46)

E emquanto o Individualismo affirma: "Para vós; e a Sociedade lucrará", e o Socialismo retruca: "Para a Sociedade; e vós lucrareis", a Igreja deslinda a querella: "Para vós e para a Sociedade; e vós e a Sociedade lucrareis."

(45) Hovre, Essais, pag. 198.

(46) Tristão de Athayde, Politica, pag. 42.

EDUCAÇÃO TOTAL: SOCIAL E INDIVIDUAL

A educação, portanto, será individual e social.

A educação deverá desenvolver toda a capacidade do educando, e a maior capacidade de um ente é a de possuir o fim transcendental de sua natureza. O primeiro predicado da pedagogia será a religião, o segundo a moral. Porque Religião e Moral são as mais necessárias para a consecução do fim. A alma da educação será a educação da alma. Visar-se-á primeiro o bem do individuo, depois o bem da sociedade.

A educação social também urge. O instinto social de Sympatia tem seu lugar conveniente na Psychologia Experimental Catholica. Insisto: um lugar conveniente. Porque em Adão e Eva o instinto era perfeito. Nos outros homens, mistura-se a esta desordem intima que Adão nos deixou, chamada Peccado Original e tem uma descendencia mais numerosa que a prole de Abrahão; respeito humano, influencia do meio, inveja social, commodismo, amôr do elogio, lucta pelo credito, "espirito de carneiro" — traduzindo ao pé da letra o "esprit moutonnier" —, escravidão da moda, lei do minimo esforço. A Psychologia Catholica não desconhece esta analyse concreta do educando. Seria um instinto perfeito, não houvesse o peccado original. Mas houve. E sendo um instinto, e instinto imperfeito, precisa ser regado e acalmado. Acalmado, porém não esmagado. E pois, cumpre enlaçar numa só Pedagogia, a Educação individual e Social. A' analyse grammatical sobrepõe-se, compara Willmann, a analyse logica que examina as orações, os termos relacionados pelo verbo. Uma não invade terreno da outra. Mas auxiliam-se. A Educação sómente Individual, é falha. Educação sómente Social, é uma monstruosidade. A pedagogia social é a corôa da pedagogia individual.

RECAPITULAÇÃO

E esta phrase leva-nos ao ultimo degrão da theoria ethica que a Igreja levanta para contrapôr á base ethica da Pedagogia Socialista. Apenas faltaria um confronto das duas Methodologias: a Socialista, e a Social Moderada Catholica. Mas não falamos de Technica. Destruídos os fundamentos da Philosophia Moral Socialista e por conseguinte desmoronada na base, toda a applicação Pedagogica, a Igreja apresenta sua doutrina firmada numa concepção inabalavel de Individuo mediante as relações entre Absoluto e Relativo promanadas do facto da Creação. Examina-se o Instincto de Sociabilidade, compara-se o

fim deste instinto com a finalidade primaria do Relativo Racional, revelam-se os direitos individuaes, accenam-se os deveres sociaes, e tira-se a applicação lidima em Pedagogia: A primeira educação é a individual, que deve porém ser coroada com a social.

O EXEMPLO DIVINO:

Christo é o modelo, o plano, o esboço de nossa pedagogia, de nossos direitos ethicos. E' o polarizador por excellencia das antinomias que sempre existiram e existirão entre individuo e sociedade. Teve os dois encargos: o individual, seu ideal divino, individualissimo, com finalidade immanente para com seu Eterno Pae: satisfazer pelo peccado de Adão. E fazendo-se homem, não se frustrou ao outro dever: socializar-se na communiidade bruta dos judeus. E cumpre estes dois deveres.

COMO SOCIAL:

Para com a primeira Sociedade, a familia "era submisso a elles". (47) Para com a segunda, são os tres annos de suores, são os "os cegos veem, os coxos andam, os morpheticos se curam, os surdos ouvem, os mortos resurgem (48)". O anormal é a chaga putrida da Sociedade. Dar á Communiidade um Leproso, presentear-lhe um morto, offertar-lhe um possesso curado, é beneficio maior que semear um paiz, como o fez Luiz XIV, de Louvres e Versalhes. Christo é um hifen de paz entre as prateleiras incommunicaveis de castas de judeus. E' elle quem ordena o abraço de irmãos entre Matheus, o publicano, e os terriveis patriotas barjona. E' elle que manda "quando preparares uma festa, deixa de lado os irmãos e os ricos, manda teus convivas aos esfarrapados, aos cegos, aos aleijados". (49) E' elle quem ama o centurião "porque ama nosso povo e edificou-nos uma synagoga". (50) E' elle quem differencia seu povo dos estrangeiros, em maior dessemelhança que a existente entre o filho da casa e o cão immundo (51).

(47) Luc. II — 61.

(48) Luc. VII — 22.

(49) Luc. XIV — 12.

(50) Luc. VII — 50.

(51) Mat. XV — 26.

COMO INDIVIDUAL:

Entretanto põe seu ideal — seu direito de individuo — acima da Sociedade. Quanto á primeira (a Família), aos 12 annos deixa-a em agonia, para cuidar das coisas de seu Pae. (52) Aos 30 abandona-a completamente, para sempre. E exige: “si alguém quer vir a mim — é o fim individual transcendente de tudo e de todos, “Omnes vivant éi” (53), odeie seu pae, sua mãe, sua esposa, sua propria vida.” (54) Obedeça cada um a seu fim individual, “lute-se embora no lar, dois contra tres e tres contra dois, e o pae contra o filho, e o filho contra o pae, e a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe.” (54)

Do mesmo modo este ideal está acima da Sociedade. Christo não teme contradizer as esperanças judias. (55) Não teme matar no coração bairrista do judeu os ideaes de um imperio universal. Porque a redempção não tinha sido imaginada com o sinete da hegemonia hebraica. Contradil-o, portanto, em suas esperanças. Mesmo vendo-os de cascalho á mão e a cavalleiro dos precipicios de Nazareth. Sua mais pavorosa maldição é contra Pedro que synthetizando as perplexidades dos patriotas e sequazes desilludidos, o induz a abandonar seus ideaes de immolação: “Deixe esta idéa, Rabbi!”, “Vade retro me, Satana! (56).” E, cumprindo seu plano divino é terrivel, é feroz em frente á aristocracia governante dos pharizeus.

O EXEMPLO DA IGREJA:

A Igreja congraçou no mesmo corpo mystico — mas existente — dos catholicos, Christo e sua doutrina. Ella não tráe seu Fundador.

COMO INDIVIDUAL

Quanto á salvação e os requisitos para a salvação, é do mais genuino individualismo. Enterrou-se durante seculos nas Catacumbas. Repetiu em cada linha da Historia o “melior est oboedire Deo quam hominibus”, e bradou a todo o momento o “non licet” dos direitos invadidos. E’ individualista como Pedro que abandona na barca o velho pae; como Joanna de Chantal que passa por cima dos corpos

(52) Luc. II — 49.

(53) Luc. XX — 38.

(54) Luc. XIV — 26.

(55) João VI — 15 e passim.

(56) Marc. VIII — 33.

dos filhos, em caminho do convento; como um Lacordaire, um Affonso de Liguorio que abandonam a tribuna do seculo; como um Gonzaga que despreza os braços fendaes da nobreza; como um Francisco de Borja o vice-reinado da Catalunha; como um Carlos V, seu grande imperio.

COMO SOCIAL:

E si a santidade é uma qualidade individual, absolutamente individual, Luiz de França, Sigismundo da Hungria, Alfredo e Eduardo de Inglaterra, Estanislau da Polonia, abysmam-se na santidade numa vida gasta minuto a minuto em chefiar Sociedades. A Igreja é social como Leão XIII que defende a miseria do proletariado; como Pio XI que sustenta 160.000 pequeninos Russos; como um Vicente de Paulo, um Bosco; como a legião das Irmãs de Caridade; como a phalange dos Vicentinos. A Igreja é social como a Companhia de Jesus que dos claustros chefia o pensamento da humanidade e ad majorem Dei gloriam, civiliza paizes e constróe o Brasil.

E' a grande gloria da Igreja. Ser a grande solucionadora das antinomias, que desafiam toda a genialidade de exame e arrojo de construcções ethicas dos Comte e dos Durkheim. Mas era fatal que os Philosophos Socialistas se engolphassem no abysmo a que os conduz a Logica de seus principios. Os horrores da Russia, filha primogenita do Socialismo — e que seja filha unica! — são os funeraes da doutrina socialista. E as Communas, as Corporações da Idade Media, os Estados bafejados pela Sociologia catholica, são a apothese da doutrina Ethica e Economica da Igreja. Porque "o maior perigo para o homem é um Absoluto falso", exclamou profundamente Clutton — Brock. (57) E os Pedagogos Socialistas escravizaram-se a um Absoluto errado: a Comunidade. E a infancia é sacrificada sem piedade ao grande Bonzo da Pedagogia Social Radical. A Igreja curvou-se ao Absoluto Transcendente: o Deus Uno e Trino do Christianismo. E ha dois mil annos é a salvação do homem, conduzindo a infancia ao seu unico fim verdadeiro: os braços d'Aquelle que exclamou um dia: Deixae vir a mim as criancinhas.

S. PAULO, junho de 1934.

(57) — Clutton — Brock, The ultimate Belief, pag. 93.

COMMENTARIOS AOS POEMAS DE ISMAEL NERY

Por **MURILLO MENDES**

POEMA POST-ESSENCIALISTA

(Continuação (*))

Segundo o essencialismo, tudo que existiu foi absolutamente util; verdadeiramente o homem nada fez que não tivesse pelo menos o grande valor de uma experiencia. Conforme se disse, já é tempo de começar a seleccionar essas experiencias e ordenal-as, pois já sentimos o horror de repetil-as. O homem essencialista é portanto o homem que tendo exgotado as experiencias que a vida offerece, procura extrair uma philosophia fundada nos resultados de suas seleccões.

A vida é para o essencialista uma construcção que se inicia com o nascimento e que se finda com a morte. Todo o homem possui um coefficiente de energia e de tempo determinado que não poderá ser desperdiçado sem prejuizo final. Eis porque devemos dar a maior eficiencia possivel ás accões de nossas vidas. O essencialismo chegou á conclusão que a vida não é outra coisa senão uma fornecedora de elementos constructivos, e que ella se nos apresenta sem nenhum caracter de pessimismo ou de optimismo, sendo as suas reacções sempre proporcionaes ás nossas accões, pois acreditamos ser indestructivel o equilibrio da vida; justificando nossa accão apenas o dever que temos de dirigil-a, usando nossa razão para poupar esforços inuteis.

O homem é impellido para o bem, pois sómente nesse estado é que adquire a estabilidade commoda requerida pelo instincto de conservação.

Bem, para nós, é igual á conservação — e mal, tudo que a destróe em qualquer gradação pessoal ou collectivamente. E' absurdo pensar que o mal seja relativo, pois si a essencia da vida é commum a todos os homens, o que ha é apenas uma gradação enorme de vidas entre a idéa simples de bem e o mal absoluto.

O essencialismo combate a desproporção, que, a nosso ver, é o

(*) Vid. A ORDEM — fevereiro e março, 1935.

grande mal da humanidade actual. Preferimos a uma sabedoria desproporcionada uma ignorancia harmonica, porém desejamos uma sabedoria harmonica.

Segundo I. N., a religião catholica ensina ao homem a supportar durante a vida os erros impostos pelas collectividades. A tragedia da vida não é outra coisa senão o desvirtuamento do objectivo do homem. O homem, como as demais creações, foi feito com um fim objectivo para o qual elle tende naturalmente, embora as apparencias muitas vezes nos façam acreditar no contrario. Segundo a mentalidade de cada um, estabelece-se um gráo differente de dynamismo na conquista deste objectivo que nunca deverá ser perturbado, pois dará ao homem a impressão de desequilibrio necessario á sua conservação. A sciencia da vida consiste justamente na consciencia que cada um deve se crear para perceber o desequilibrio, e a intelligencia immediata, que se deve ter em repol-o. A vida é essencialmente dynamica; ao nascer partimos logo para a morte onde devemos chegar tendo adquirido no percurso todos os elementos que nos façam aceitar-a tão naturalmente como aceitamos todas as transformações que nos são impostas pelo tempo. O conceito do bem e do mal não deve estar ligado sómente a épocas de nossa vida, i. e., não deve ser intermitente, pois é facil de calcular que uma série de bens poderá ter como resultado o mal absoluto. Portanto a idéa de bem e de mal deve ser applicada á nossa vida integral — eis porque dá I. N. um enorme valor ao methodo da abstracção do tempo — (vid A ORDEM — de março) — unica maneira de se conhecer precisamente quando commetemos o bem ou o mal. Bem, tudo o que nos conduz á morte naturalmente sem atacar a nossa dóse de instincto de conservação; mal, qualquer desconcerto na intensidade ou direcção de nosso dynamismo para a morte. Ha, naturalmente determinado um tempo minimo que deveremos viver, porém não podemos absolutamente determinar o momento da morte. Podemos determinar o tempo minimo da vida porquanto para viver precisamos de elementos materiaes que só os recolhemos em épocas determinadas quasi mathematicamente, e que formam a nossa integridade physica. O homem não começa a exercer a selecção moral antes de reunir todos estes elementos.

Dividindo-se schematicamente a vida do homem em 5 partes — infancia, puberdade, mocidade, madureza, velhice, — poderemos ver que só do 3º para o 4º periodo é que o homem começa de facto a se determinar — pois os outros periodos são exclusivamente constructivos, agindo quasi que simplesmente a consciencia hereditaria, visto herdar-

mos diversos elementos que nos compõem — sendo desta fôrma bem facil de ver que nossos actos máos, commettidos durante esses periodos responsabilizam ainda os nossos ascendentes. Toda a elasticidade do mal está contida na idéa de morte, pois a morte é a gradação maxima do peccado. A virtude fóra do conceito religioso não é outra coisa senão uma justa idéa de conservação. O homem justo, ainda fóra do conceito religioso, é o homem que guarda a lei natural e que se salva, como affirma a doutrina catholica. Parece ter sido necessaria a construcção de normas religiosas depois que o homem attingiu uma tal degenerescencia que sómente a idéa de Deus vindo exteriormente poderia fazer com que elle restaurasse interiormente esta idéa que lhe era nata. Prova bem isto a vinda de Christo muito tempo depois da apparição da humanidade na terra, tendo apenas Deus antes querido fazer a humanidade obedecer á lei natural resumida no Decalogo. Christo veio ao mundo justamente no periodo de vida em que a humanidade se achava construida physicamente (mocidade) para ensinar-lhe com seu exemplo o caminho futuro, i. e., as idades da auto-construcção, as idades em que o homem realmente tem consciencia. A degenerescencia da humanidade anterior a Christo serviu como servem ás crianças e moços as suas estroinices — para ter elementos de conhecimento e de relação. A duração material da vida de Christo é bem expressiva. Elle nos mostrou que aos 30 annos um homem justo poderá estar physica e moralmente construido para morrer aos 33 annos depois de ter legado aos outros a sua experiencia — mostrando ainda que o nosso equilibrio deve tambem produzir equilibrio para que haja um equilibrio total na nossa vida em collaboração com a humanidade. A idéa de unidade póde dahi muito bem ser extraida e ampliada na vida futura pregada pelo catholicismo.

Ainda não fiz propriamente o commentario ao "Poema post-essencialista", visto querer antes offerecer aos leitores um resumo do que é o essencialismo. Pretendo nos numeros subsequentes desta revista continuar estas annotações e commentar todos os poemas publicados aqui.

LETRAS CONTEMPORANEAS

JONATHAS SERRANO

JOSEPH JOLINON — *Imagerie du Curé d'Ars par un paysan de son temps*. Les Editions Rieder, 1934

A proposito de santos, escreveu de uma feita René Bazin que eram na verdade as personagens principais da Historia. Póde o juizo parecer, á primeira vista, exaggerado. Se bem reflectirmos encerra profunda realidade. Baste lembrar, ao acaso, um Bento, um Francisco de Assis, um Ignacio de Loyola. Quem poderá exactamente medir o alcance da sua obra, a irradiação da sua influencia, até hoje, através dos seculos? E que vale, em comparação, a brilhante, mas ephemera, actuação dos conquistadores, dos generaes victoriosos, dos soberanos fundadores de imperios? Que resta delles, ao cabo de algumas dezenas de annos e da sua gloria passageira e esteril?

Mas o que mais surprehende, nos paradoxos da santidade, é a sua variedade infinita no tempo e no espaço. Ha santos de todos os estylos, se é licito falar assim. No throno e na miseria. Entre analphabets e entre cientistas. No occaso da existencia e na propria aurora do viver, nos primeiros albores da adolescencia e até da infancia. Nem se diga que só nas paginas amarellecidas do *Flos Sanctorum*, ou nos grossos tomos dos Bollandistas. Haverá porventura até quem esteja a pensar na *Legenda Aurea*. . . Engano. A santidade é de todos os tempos e logares. E' contemporanea. Vive nos centros de maior febre de prazeres. Empolga as almas em flor. E chama-se Teresinha ou Guy de Fontgalland.

Bem se vê que não pretendemos invadir o dominio, em verdade sagrado, da Congregação dos Ritos. Nem desconhecemos o que determinou Urbano VIII quanto á questão dos milagres propriamente ditos. Falamos como um simples leigo, dando aos vocabulos o seu sentido vulgar, puramente humano, sem o rigor metaphysico da theologia. E

podemos, assim, ao evocar esses vultos admiráveis da nossa época histórica, no século XIX ou já no século XX, sublinhar os traços de santidade de um Contardo Ferrini, de um Charles de Foucauld, de um D. Bosco, de um João Baptista Vianney. Alguns já subiram aos altares; outro para lá se encaminhã. Qualquer que seja o veredicto final da Igreja, cada um desses representantes do espirito é bastante, só por si, para dignificar a especie.

João Baptista Vianney é de todos o mais surpreendente pelas características personalísimas do seu caso. E' certo que a santidade é sempre individual, concreta e inconfundível. Não se fabrica em serie, por atacado, nem ha patentes de invenção para registro nesse departamento. Cada santo é elle mesmo, na inconfundível originalidade do seu caso pessoal. Ainda assim, ou por isso mesmo, ha aquelles que julgamos comprehender melhor, que se nos afiguram mais proximos do nosso plano (— como a nossa vaidade é ingenua!) — e dos quaes, sem o dizer, estamos talvez pensando muito baixinho:

— Assim, até eu era capaz de ser santo!

Já repararam que se dá o mesmo, ás vezes, quando um artista exímio realiza certos milagres de execução? Aquillo parece tão natural, tão sem esforço, tão "facil", que a gente sente um desejo louco de ir experimentar fazer o mesmo, com aquella mesma "facilidade"...

Com o Cura d'Ars, porém, estou certo que nenhum de nós dirá coisa semelhante. Aqui o exemplo é de surpreender e até, em certos aspectos, de pôr á prova a nossa credulidade. Não fosse uma figura do século das luzes, da critica histórica, da rigorosa documentação; não tivesse vivido em França, em local a principio obscuro mas em breve famoso e visitado por gente de todas as categorias sociaes, e ficaria sempre uma duvida no intimo de certos leitores.

E' possível que um homem sem dons intellectuaes, sem nenhum dos recursos humanos que seduzem, dominam e arrastam a multidão — talento, audacia, riqueza, formosura — chegue a tornar-se uma força de tal intensidade?

O livro de Joseph Jolinon (le joli nom! Est-ce un jeu de mots?), sob o titulo suggestivo de "Imagerie du Curé d'Ars" evoca os aspectos mais curiosos dessa vida paradoxal.

Logo nas primeiras linhas do prefacio o autor defende-se contra possíveis mãos juízos a seu respeito. "Cette imagerie du curé d'Ars par un paysan de son temps qui n'est autre que mon grand-père, on y voyait une galéjade. Non pas." E confessa-nos, logo após: "J'hésitais

encore l'an passé, redoutant d'être mal compris. Mais de guerre victorieuse en crise nécessaire, de scandale en escroquerie et d'économique en politique, un certain gout des bonnes moeurs reparait, un courant de propreté agréable aux narines des honnêtes gens, par quoi les esprits se remuent, cherchant un air meilleur. Il se peut qu'on suive mieux une plume indépendante." E accrescenta, sem reticencias: "On en voit tant de domestiquées".

Pelas citações já é possível avaliar um pouco o tom destas paginas. E o testemunho, aqui, é dos mais curiosos. O avô do Autor, se lhe dermos credito, a este ultimo, conheceu pessoalmente João Baptista Vianney. De vez em quando, quando a necessidade o urgia, punha-se a caminho sabbado "à la pique du jour", atravessava a pé quinze leguas de montanha e cinco de planicie, passando do Charolais ao Beaujolais, chegava até Ars, esperava a sua vez de confessar-se, "passait la nuit a se purifier, communiait de la main de celui que le peuple toujours en avance appelait déjà le Bienheureux", punha-se immediatamente de novo a caminho e reaparecia em casa, segunda-feira de manhã, juntamente com o sol. E contava o que tinha visto.

Quarenta annos mais tarde, octogenario já e quasi moribundo, contava-o ainda, no mesmo tom pittoresco de camponio, ao neto, que por sua vez nol-o repete.

"Pourvu que je retrouve son accent?" De certo modo creio que o conseguiu. E' difficil, senão impossivel, tal verificação, mas ha coisas que não se inventam.

Como quer que seja, a leitura destas paginas é um prazer dos mais finos para o espirito. Mais ainda para a alma. Bem sabe o leitor que não é a mesma coisa, em pleonasm.

Que era Ars, antes da chegada do seu cura? Que ficou sendo? E como é expressivo o facto de que João Baptista Vianney é um nome que diz muito menos, se não diz coisa alguma, em comparação a esta designação de rara eloquencia: "o Cura d'Ars".

E' o milagre da total abnegação no exercicio do seu ministerio: a identificação completa do homem com a sua função penosa e querida, humilde e gloriosa, elevada pelo sacrificio á sublimidade.

A Providencia, para humilhar os vaidosos do seu entendimento, suscita ás vezes um desses exemplos desconcertantes. Vianney, que já demonstrára de inicio a sua incapacidade para o serviço das armas, revela-se tambem incapaz para os estudos de latim e de philosophia. Tal é a sua difficuldade em comprehender certas questões que desistem de ensinar um discipulo tão mal dotado. Mandam-no embora. Elle volta. Contenta-se com o ser apenas um simples servidor. Mas a derrota de

Leipzig, a abdicação napoleônica e a volta dos Bourbons davam esperanças de um novo surto catholico. Havia mingua de sacerdotes. Vianney foi recebido, com indulgencia e attendendo-se á sua virtude manifesta.

Imaginemos um momento que o futuro Cura d'Ars não tivesse logrado entrar no seminario e ordenar-se. Que somma de bens teria perdido a França e, com ella, toda a christandade!

Não recordaremos a vida de Vianney na sua parochia. Mesmo os que já a conhecem lucrariam em ler as paginas deste volume. As proprias illustrações commovem-nos em sua modesta eloquencia: os utensilios de cozinha, a marmitta, o cesto de pão, o forno; o quarto de dormir, o leito mortuario do grande cura humilde, que museu admiravel, que prédicas impressionantes!

Mais de quarenta annos de ministerio. Quinze de luta, contra "o seu cadaver", contra os peccadores e contra "le grappin". Os peccadores, não precisam de apresentação. O "cadaver", era o proprio corpo, a propria carne, a materia rebelde que as forças espirituaes dominaram de tal geito que lhe bastavam quasi que só batatas para alimentação e ia ao limite da resistencia physica em horas e horas de confessorio estafante. Quanto ao "grappin"... deixemos sorrir os pobres de espirito que com 50 o/o (e ás vezes menos) de sciencia vulgarizada acham ridiculo acreditar no diabo.

O que foi essa luta, o que levou por quatro vezes João Baptista Vianney a evadir-se da sua parochia, sempre voltando a ella afinal, o que elle conseguira, ao morrer, em 1859, Joseph Jolinon soube dizelo como até hoje ninguem.

"Les derniers temps, alors qu'il payait le loyer de trentecinq ménages et faisait vivre un pensionnat, il rayonnait sur l'univers sans quitter sa plate paillasse, et passait toujours l'hiver sans feu".

Ainda hoje, através da narrativa dos seus sacrificios, Vianney continua a agir sobre as almas. Este livro o demonstra: melhor do que um volume bem feito, é um volume que faz bem

REGISTRO

PERILLO GOMES

TUDO PASSA SOBRE A TERRA A reconquista de Almeria aos mouros, desde tempos immemoriaes era celebrada com festas excepcionaes, todos os annos, na data que recordava o feito. Depois de um solemnissimo "Te Deum", na Cathedral, em cujo altar-mór se alçava a bandeira das tropas de D. Fernando e D. Izabel, que realizaram a façanha, era esta conduzida processionalmente pelas ruas da cidade á Alcadia, em cujo mastro principal a desfraldavam. Neste momento o Alcaide repetia tres vezes, com voz retumbante: "Almeria pelos Reis Catholicos!" E a seguir, as tropas desfilavam em continencia ao historico pendão. Com o advento da Republica em Hespanha, foi suspendida esta festividade por considerarem-na de character monarchico. Chegou-se mesmo a retirar do salão nobre da Alcadia os retratos de D. Fernando e D. Izabel. A' meia voz se dizia que os edis republicanos se consideravam inimigos pessoaes dos Reis Catholicos... Este anno, porém, acalmados os ardores democraticos, voltou-se a celebrar o feito da reconquista de Almeria. Ao solemne "Te-Deum", como em outros tempos, compareceram a corporação municipal, deputados ás Côrtes, autoridades civis e militares. O pendão dos Reis Catholicos foi hasteado na Alcadia com as honras do estylo. E o Alcaide republicano, com a mesma compenetrção e a mesma gravidade dos seus collegas monarchicos, repetiu a saudação tradicional: "Almeria pelos Reis Catholicos!" Não sei porque este facto suggeriu-me a lembrança de um gracioso episodio de minha infancia: Um companheiro de collegio, certo dia, obedecendo ás ordens do professor para que lhe fizera um exercicio de composição, apresentou um conto que tinha como desfecho a morte de um homem, um cavallo e um burro, o qual concluia com esta reflexão profunda: "tudo passa sôbre a terra — o homem, o cavallo e o burro"...

*

* *

AS CORRUPÇÕES DA IMPRENSA O sr. Bouilly, membro da Commissão Stavisky, em França, acaba de apresentar aos seus pares um curioso relatorio sobre o qual a imprensa daquelle paiz, em geral, fez um silencio expressivo. Silencio, aliás, facilmente comprehensivel, uma vez sabido que dito relatorio estuda de modo corajoso a situação do jornalismo naquelle paiz. O sr. Bouilly não hesitou em indicar os agentes de corrupção da imprensa franceza, que ennumera nesta ordem de preceden-

cia: Primeiro, a finança. Sociedades e grupos de homens de negocio, a troco da defesa dos seus interesses, fornecem ao jornal o capital e a maior parte dos recursos de que tira sua subsistencia. Segundo os agentes de publicidade, que dispõem dos caudaes das empresas industriaes e commerciaes, a titulo de propaganda, para distribuir a materia paga segundo condições que impõem ás empresas jornalisticas. Terceiro, o Governo, que por meio das suas verbas secretas atrahê as cumplicidades do jornal para os seus actos, ora em busca de louvores, ora de um prudente silencio quando a defesa dos mesmos resulta muito chocante com a opinião publica. Tudo isso prova, segundo a oportuna observação do sr. Bouilly, de que o jornal diario tenha se transformado em uma pura empresa commercial e industrial. Este mal será privativo da imprensa franceza? Não. É um mal mundial. E contra elle só existe uma prophylaxia possivel: a imprensa catholica.

*

* *

**POLITICA E RELIGIAO
EM HESPANHA**

A actualidade politica hespanhola deve constituir objecto de seria observação para a opinião catholica mundial. É que agora se emprehende em Hespanha a obra de rectificação do sectarismo anti-christão, que a Republica trouxe em seu bojo, e que culminou na legislação socializante imposta ao paiz. Já o ambiente do parlamento hespanhol se encontrava quasi radicalmente transformado. São senhores da situação agora, ali, os que hontem soffriam toda sorte de vexações. Os costumes e a oratoria parlamentar voltaram ao antigo nivel de uma assembléa de cavalleiros. Além disto um espirito de juventude anima os grandes debates. E são precisamente dois jovens, Gil Robles e Calvo Sotelo, as duas figuras marcantes da actualidade parlamentar hespanhola. Acresce ainda que a Acção Popular Agraria, o partido de Gil Robles, trouxe para as Côrtes um pugillo de moços de talento e de formação catholica verdadeiramente segura. Trouxe para as Côrtes e para o Governo do paiz, pois que os ministros com que iniciou sua participação no Gabinete, se impõem por esse duplo aspecto: cultura e catholicidade. Esta semana assistimos á estréa de um desses ministros no parlamento. Trata-se do titular da Agricultura, que, ao mesmo tempo, é professor de Direito Canonico, o sr. Jiménez Fernández. Defendendo um projecto governamental que favorece a um nucleo de 30.000 familias de pequenos lavradores de Extremadura, produziu um notavel discurso doutrinario sobre o conceito christão da propriedade e a politica social que hoje incumbe, em relação a ella, aos homens de consciencia, isto é, trabalhar no sentido de que os que hoje têm muito, venham a ter algo menos, e os que nada têm, venham a ter algo. E é interessante notar que esse discurso foi calorosamente applaudido por homens de todos os sectores politicos das Côrtes, não sendo dos menos entusiastas os applausos que obteve das bancadas esquerdistas. Queremos um indice mais consolador de que o sentimento religioso readquire em Hespanha os seus antigos foros de cidade?

AS PERSEGUIÇÕES NO MEXICO

Uma pastoral do Episcopado americano, firmada por tres cardeaes, nove arcebispos e 66 bispos, clama contra a nova crise persecutoria de que são victimas os catholicos mexicanos, e pede os suffragios dos fieis afim de que a Providencia seja servida a pôr termo aos tremendos sacrificios da Nação-Martyr do nosso continente. Annuncia-se uma nova Encyclica do Santo Padre protestando contra essa iniquidade e recommendando ainda uma vez á christandade que soccorra com suas preces e ampare da forma que lhe fôr possível, os infortunados irmãos mexicanos. Esse movimento de sympathia por um povo que se vê dura e injustamente tyrannizado em sua propria terra, estamos seguros, prosperará entre os homens de fé e será fecundo em resultados espirituaes e materiaes. E' certo, porém, que, como das vezes passadas, não será siquer percebido pelas instituições laicas que se presumem defensoras das liberdades, entre as quaes não se pejam de collocar a liberdade de consciencia. Essas seguirão a promover rega-bofes como os do Rotary, em que a humanidade serve, apenas, como thema para literatura de sobremesa.

*

* *

MOUROS NA COSTA DO MEXICO

Ha no Brasil, especialmente no Rio, uma publicidade favoravel ao situacionismo mexicano. E devemos reconhecer que os que tem o seu encargo, sabem desempenhar sua missão. Dizemos assim porque temos constatado sua influencia sobre pessoas que, por suas idéas conhecidas, estavam longe de poder applaudir o regimen estabelecido na Republica irmã. E isto a despeito de que o noticiario da imprensa, em geral, forneça frequentemente subsidios para um juizo em pugna com o diffundido pelos alludidos propagandistas. Pelos ultimos jornaes, por exemplo, se tem noticia de que o Partido Nacional, o partido da situação, deliberou supprimir definitivamente no paiz toda imprensa que não seja de matiz governamental, e o Catholicismo. Este programma não carece de audacia. E quiçá, em relação aos jornaes desaffectedos, não seja de escasso exito. Em relação á Igreja, porém, a coisa fia mais fino. Porque a Igreja do Mexico, em virtude das constantes perseguições de que tem sido victima, já se habituou á adversidade e a viver com heroismo. Cada catholico, ali, hoje em dia, é um apostolo, e cada sacerdote, um candidato ás glorias de confessor da Fé e mesmo de martyr da Religião. E neste ambiente, mercê da Acção Catholica, se tem trabalhado com tanto successo que a mocidade escolar, em quem se contava haver extinto a chamma da Fé, segundo recente declaração do presidente da Acção Catholica Feminina Mexicana, constitue um dos presentes esteios da Igreja. Pela reacção que ella está oppondo aos propositos de socialização do ensino, do que já resultou o encerramento de duas Universidades, vê-se que são fundadas as esperanças que nella depositam os catholicos daquelle paiz. Emfim, não viverá muito quem não chegar a ver os fructos que o Partido Nacional do Mexico terá de co-

lher de sua annunciada actividade. De momento, o unico que se pode dizer com segurança, naquella Republica, é que ha mouros na costa...

*

* *

**AS NOVIDADES
DO TEMPO**

Em Milão, o sr. Mussolini pronunciou, recentemente, um discurso que obteve larga repercussão na imprensa mundial. Isto em virtude das suas declarações interessando á politica internacional. A parte, no emtanto, mais substancial da sua oração, não obteve o mesmo exito nem mesmo nos jornaes da Peninsula. E a causa disto não é difficil de se explicar: o chefe do governo italiano, com a segura visão da sua mirada genial, affirma ahi sua convicção de que nos encontramos no termo de uma civilização e em face de uma outra que, economicamente, se expressa pela negação de todas as normas até hoje seguidas, da economia liberal, e marca como rumo a seguir o corporativismo, isto é, a união de todos os elementos da produção, capitalistas e operarios, como partes a participar da mesma empresa sob principios de rigorosa justiça social. Isto significa a elevação do operario a um plano de vida mais humano e mais digno, e sua associação aos destinos da industria, na fortuna, pois que até aqui ella só tem existido na desgraça. Isto significa que se estende aos obreiros os direitos de propriedade nas empresas a que consagram suas energias e consomem sua existencia. Pena é que o sr. Mussolini não fizesse sentir em seu discurso, que essa novidade com que scandalizou á imprensa burgueza, a tal ponto de fazer silencio em torno dessas suas palavras, são novidades já um pouco antigas e se encontram nas encyclicas papaes, notadamente nas tão famosas "Rerum Novarum" e "Quadragesimo Anno" dos Santos Padres Leão XIII e Pio XI.

*

* *

**A LOGICA DA
REVOLUÇÃO**

Louis Veuillot dizia que o erro tambem tem a sua coherencia. Assim, da Revolução ha que dizer que possui igualmente uma logica, a qual consiste em elevar ao maximo sua potencia de destruição. Disto não se apercebem os revolucionarios. Ao contrario: estão sempre na illusão de que a Revolução seguirá, em seu triumpho, o itinerario que lhe tracem os que a preparam. "La revolution s'arrête á nous", diziam os "girondinos" em França. E a Revolução os levou á guilhotina... Esta historia se repete infallivelmente toda vez que o exito favorece um movimento de tal categoria. Quilçá esteja agora a fazer estas mesmas reflexões, no carcere em que se encontra o ex-archipoderoso Zinovief, condemnado pelos tribunaes (sic) soviéticos pelo crime de contra-revolução. Zinovief, é sabido, pertencia á velha guarda da Revolução russa. Após a victoria do communismo no ex-imperio dos tzars ninguem chegou a ser mais onnipotente do que elle. De misero redactor de um jornal de 3ª classe subiu a um tal gráo de consideração, que o cozinheiro do tzar foi posto a seu serviço para mimar-lhe o estomago, com iguarias exquisitas, e suas vastas acqulsições de perfumes e objectos de luxo, entravam em Russia como

compras do Estado, tanto para o effeito da dispensa dos respectivos impostos aduaneiros como para o pagamento das facturas no estrangeiro. Zinovief, no momento, é um simples presidiario. E' um dos revolucionarios que pagam caro a illusão de pensar que a Revolução obedece ás pessoas e não ao seu proprio destino.

*

* *

OS TRES DIAS DE LOURDES

Projecta-se um maravilhoso espectáculo de fé em Lourdes. Segundo alguns jornaes catholicos europeus, durante tres dias e tres noites seguidas, com permissão especial, se celebrarão em tempo que será previamente annuciado, na gruta de Massabielle e na basilica de Nossa Senhora do Rozario, missas pelas intenções do Santo Padre. Adeantam os mesmos jornaes que Sua Santidade, asentindo a esse grandioso projecto, publicará uma encyclica incitando os catholicos de todo mundo a participar desta mystica manifestação de amor á Igreja e de solidariedade com o Pae commum da Christandade. Ha algum tempo que se iniciou em todos os paizes, de um modo methodico, um movimento de maior acercamento dos fieis á pessoa do Vigario de Christo. Para um tão piedoso fim se nos ha indicado offerecer frequentemente orações, communhões, actos de sacrificio e muito especialmente, sempre que estejamos em condições, fazer celebrar o Santo Officio pelas intenções do Soberano Pontifice. Este movimento tem como objecto não sómente fazer melhor amada pelos christãos a augusta pessoa do Papa, como interessar-nos nos seus projectos em beneficio da humanidade. Em Lourdes, segundo é de esperar, culminarão neste sentido os esforços dos catholicos durante os tres dias e tres noites em que o Santo Sacrificio será ininterruptamente celebrado, em estreita união com o pensamento do Vigario de Christo sobre a terra, pensamento que, sabemos, é de salvação para os homens e de concordia para a sociedade.

*

* *

AUTHENTICO LAICISMO

O actual ministro da Instrucção hespanhola, sr. Dualde, é o que se pôde chamar um homem "comme il faut". Culto, probo, leal, patriota, gozando da fama de uma linha de conducta irreprehensivel, ainda ha pouco a imprensa glozou certo episodio de sua vida, que dá perfeitamente uma idéa do character de s. ex. Antigo cathedratico da Universidade de Barcellona, apenas a aventura separatista transpoz os humbraes daquelle centro de cultura, elle abandonou cargo e proventos para não trahir a Hespanha. E isto sem estardalhaço, sem escandalo, sem reclame, com a elegancia de um espirito sereno e superior. O sr. Dualde, no emtanto, segundo me informam, em materia de culto é rigorosamente laicista. Crê na autónomia absoluta do homem, e assim sendo, sua politica escolar se orienta no sentido de excluir do ensino toda influencia religiosa porque conduz a uma subordinação. Esta subordinação, já sabemos, é subordinação a Deus... O laicismo não admitte que os homens tenham um senhor. Mesmo

que este senhor seja Deus. De como, porém, um tal programma se realiza na ordem pratica offerece-nos uma demonstração concludente um outro episodio em que se encontra envolvido o estadista hespanhol: Certo jornal madrileno, por perfidia, insinuou que o sr. Dualde estava em intelligencia com o chefe de um partido que não era o seu. A esta injusta suspeita o ministro de Instrucção oppõe formal desmentido em nota publicada na imprensa na qual diz textualmente: "desde que tenho significação politica, ha mais de 20 annos, "sempre tenho sido de Dom Melquiades Alvarez". Vêde a authentica doutrina laicista: o homem é livre... tratando-se de Deus. Tratando-se de outro homem, e principalmente de um chefe politico, o laicismo não se oppõe a que elle diga que é ou sempre ha sido de Beltrano ou de Mengano...

*

* *

**DE VENTO EM POPA
O LIBERALISMO**

Lloyd George pronunciou recentemente em Bangor e Pwllheli, dois discursos sensationaes sobre a crise economica mundial e a maneira de remedial-a. A importancia destes discursos, a nosso criterio, encontra-se na segunda parte, isto é, na prescripção feita para o enfermo. E isto não propriamente porque elle haja inventado ou descoberto algo de novo na therapeutica da crise mundial. O interesse do caso consiste em que Lloyd George admite a receita dos esculapios que estão em opposição á sua escola. Com effeito, nos seus alludidos discursos elle preconiza uma Economia organizada e declara a fallencia da livre concurrencia que é um verdadeiro dogma do liberalismo economico. Ninguem ignora que Lloyd George é o chefe do Partido Liberal da Inglaterra e que é, pois, uma das personalidades cuja situação de espirito melhor deve reflectir a situação do Liberalismo no mundo contemporaneo. Situação que, como já se sabia, e os recentes discursos do ex-Chefe do Governo Inglesz deixam em clara evidencia, é de franca retirada.

*

* *

**O SANTO OFFICIO
NO MEXICO**

Por disposição governamental foi prohibida, no Mexico, a representação do poema dramatico de Marquina, "Thereza de Jesus", e a exhibição de um "film" baseado em uma obra dos irmãos Quinteros, "Agua en el suelo". Segundo nota publicada pelo departamento das Bellas Artes daquelle paiz, dita prohibição se funda em que "o theatro hespanhol nada tem a vêr com a realidade actual" mexicana. Segundo nota do Encarregado de Negocios da Embaixada do Mexico em Madrid, a alludida prohibição se explica em virtude de não ser permittido em seu paiz a "representação, em theatros e cinematographos, de obras e pelliculas que tenham por argumento assumptos de character religioso". Importa pouco saber qual das duas notas exprime, com verdade, o pensamento dos que interdictaram a exhibição das duas obras em apreço. O que occorre perguntar, antes de tudo, é si as peças literarias interdictadas eram

obra de arte. Quanto a isto, nenhuma duvida póde subsistir. Os nomes de Marquina, e dos irmãos Quinteros, por si sós, valem como um attestado artistico. E nem o departamento das Bellas Artes do Mexico, nem o representante diplomatico deste paiz em Hespanha puzeram em duvida o merito literario das obras interdictadas. Resta agora procurar na realidade geographica de nossos tempos, com excepção da Russia soviética, um paiz em que uma obra de arte, porque reflecte o ambiente de povos distinctos ou porque se inspira nos themas eternos da Fé, encontre de parte dos Governos um proposito tão hostile...

*

* *

(Depois do movimento revolucionario de que foi victima Hespanha

O CONGRESSO SYNDICALISTA CATHOLICO DE MADRID em outubro do anno passado, algo se tem feito aqui no sentido de prevenir outro golpe de igual natureza E' de justiça reconhecer que um dos sectores mais trabalhados, presentemente, com o fim de o subtrahir das influencias revolucionárias, é o sector operario. Não sómente os syndicatos catholicos ou simplesmente christãos trabalham agora com desconhecida actividade, como se organiza um grande movimento syndicalista, sem caracter religioso porém visando combater o marxismo obreiro. Visando, sobretudo, attrahir os operarios socialistas para uma associação de sentido exclusivamente profissional. Afortunadamente esta organização neutra procura conjugar-se com as religiosas afim de estabelecer uma frente unica ao syndicalismo marxista. Comprehende-se, assim, como seria opportuno promover um encontro de todas as forças que estão aptas para semelhante missão. A este objectivo deve ter obedecido a convocação do Congresso Nacional Syndicalista Catholico, que acaba de se reunir em Madrid, com tanto exito. Desse Congresso baste-nos dizer que as duas resoluções mais importantes, pelas circumstancias actuaes, consistiram em aceitar a confessionalidade para todos os syndicatos e cooperar com os syndicatos não confessionaes, porém anti-marxistas, em tudo quanto signifique defesa da profissão e do trabalhador, com a mais perfeita unidade de vistas. Ao tempo em que se celebrava dito Congresso, organizou-se o Secretariado Social da Acção Catholica Hespanhola, que entre as suas attribuições conta a de conferir a confessionalidade aos syndicatos, e de oriental-os em suas actividades que affectem á doutrina catholica.

*

* *

UMA TRAGEDIA NO "PARAIZO" Um professor berlinense, o sr. Koerwin, inventou, ha algum tempo, uma philosophia baseada nas virtudes purificadoras da solidão e do silencio. Um outro berlinense, o dr. Ritter, bem como sua esposa, seduzidos pelos argumentos do pedagogo patricio, deixaram sua terra e foram se installar na ilha de Gallapagos, em 1927, para praticar a nova philosophia. E viviam tranquillamente no moderno "paraizo", meditando o pensamento do seu compatrio-

ta, quando um certo dia desembarca na mesma ilha, uma mulher, a senhora Lorentz, também allemã, para se incorporar ao mystico casal. Segundo declarações que acaba de fazer á imprensa belga, a sra. Ritter, recém-chegada de Gallapagos, a inesperada Eva produziu uma verdadeira revolução nos habitos do seu esposo. A aparição daquela nova figura de mulher no retiro a que se devotavam, despertou no dr. Ritter certos instinctos da vida que elle fôra mortificar no ermo de uma ilha deserta. O certo é que um dia a sra. Ritter comprovou a ausencia de seu marido e da sra. Lorentz, da ilha de Gallapagos. E algum tempo depois, dois pescadores hespanhoes encontravam nas costas de uma ilha proxima, já cadaveres, seu marido e a mulher fatal. Agora, a viuva recorda com amargura, que ella e seu esposo, temendo o peccado da gula, antes de se transportarem a Gallapagos, tomaram a precaução de desfazerem-se dos dentes no consultorio de um odontologo. E afinal constata que á ambição de gozar na terra o paraizo sacrificou seus dentes, que algo valiam, e um esposo, que não valia menos...

*
* *

No momento em que escrevemos este commentario ignoramos ainda que consequencias chegará a ter a proposição, não de lei, votada recentemente pelas Côrtes hespanholas declarando os militares incompativeis com a Maçonaria. O proposito de tal resolução, segundo foi exposto naquelle parlamento, é estranho a qualquer idéa sectaria. O que com ella se quer evitar é que as forças armadas do paiz possam estar sujeitas a outras disciplinas que não aquellas a que devem sua razão de existir. A Maçonaria, é sabido, é uma organização internacional, e de fundo essencialmente politico. No segredo de suas officinas se forjaram as revoluções que têm abalado as sociedades nestes dois ultimos seculos. Assim, não sómente os destinos dos governos porém ainda o dos povos têm estado á mercê das conspiratas das lojas maçonicas, quasi sempre em terras estrangeiras. A Maçonaria é uma internacional politica como o Socialismo e o Communismo. Com a differença, porém, de que estas são francas em seu programma, e declaram abertamente suas intenções. Ao passo que a Maçonaria occulta sua finalidade politica disfarçando-a com a capa de humanitarismo de modo a illudir aos incautos. As forças armadas, por sua virtude propria que é a lealdade, estão moralmente incompativeis com toda organização secreta. Esta incompatibilidade pode e deve ter expressão legal. Resta vêr, no emtanto, si nas circumstancias actuaes, foi opportuno o acto das Côrtes hespanholas.

O 32º CONGRESSO EUCHARISTICO INTERNACIONAL

**ARTIGO DO PADRE JOSE' BOUBÉE, S. J., PUBLICADO
NA REVISTA "ÉTUDES"**

O Congresso Eucharistico Internacional de Buenos Aires durou, pôde dizer-se, dois annos; encerrou-se por uma apothese, nas ceremonias incomparaveis que assignalaram os dias comprehendidos entre 10 e 14 de outubro ultimo, e das quaes já se occuparam todos os jornaes catholicos do mundo.

Quando, na ponte O' Connell, em Dublin, na tarde do domingo 26 de Junho de 1932, foi encerrado o 31º Congresso Eucharistico Internacional, os argentinos receberam, jubilosos, a informação de que a cidade de Buenos Aires fôra designada pelo Santo Padre para séde do futuro Congresso. Essa designação nada tinha de precipitado ou de arbitrario: desde varios annos, tratava-se de offerecer á America latina o beneficio de um desses Congressos, com que tinham sido honrados, uma ou mais vezes, todos os outros continentes. Tomando a deanteira a outras nações, a Argentina tinha deputado um grupo de notaveis catholicos ao Congresso de Amsterdam (1924), afim de apresentar sua petição e fazer valer seus direitos. Em Carthago (1930), renovou-se a tentativa; pouco depois quando de sua brevissima passagem pelo poder, o general José Uriburu interveio junto á Santa Sé no mesmo sentido. Buenos Aires não era, aliás, a mais importante cidade da America latina, e, depois de Paris, o maior centro de população catholica do mundo inteiro?

Apenas conhecidas a decisão do Comité permanente em seu favor e a paterna approvaçáo do Soberano Pontifice, os argentinos começaram a agir. Realizou-se a 24 de setembro de 1932 o acto inaugural do Congresso: deante de uma assistencia áinda restricta mas escolhida, na sala da Liga das Senhoras Catholicas, o arcebispo de Buenos Aires promulgou o decreto que instituia as commissões preparatorias.

Desde esse instante, aos olhos de um observador vindo do estrangeiro e já familiarizado com os grandes Congressos eucharisticos, duas verificações se impuzeram: primeiramente, as boas vontades, não me-

nos sinceras do que multiplas, actuariam ardentemente, generosamente, por vezes com mais dedicação do que methodo. A mais, o caracter fundamental do Congresso seria nitidamente sobrenatural: e assim, supposto mesmo que as manifestações finaes viessem a ser desprovidas de ordem ou de brilhantismo; supposto mesmo que as realizações dos cinco dias tradicionaes, previstos para o periodo comprehendido entre o dia 10 e o dia 14 de outubro de 1934, viessem a ser mallogradas, quer por força de complicações internacionaes, quer em virtude das intemperies da natureza, quer deante de um obstaculo, fosse qual fosse, de ultima hora, o Congresso eucharistico ter-se-ia realizado dia a dia, durante os dois annos que iriam decorrer; produziria, antes do triumpho publico e solemne de Christo nas alamedas de Palermo, triumphos intimos, miraculosos, innumeraveis, da graça divina nas almas.

Em setembro de 1932 começaram outrosim séries de conferencias nas principaes cidades da Republica. Era então summamente necessario explicar aos ouvintes, mesmo aos mais bem intencionados, o que é um grande Congresso eucharistico internacional; a que tende e para que coisa serve; como todo catholico, do mais rico ao mais pobre, do mais proximo ao mais afastado, póde e deve tomar parte no mesmo. Films de cinema, projecções fixas, copiosamente documentadas, completavam a explicação.

Houve em muitos espiritos um sentimento de desconfiança, que perdurou por muito tempo. Muito embora corajosos e cheios de iniciativa nos emprehendimentos, os argentinos em grande numero duvidavam de que, depois dos esplendores de Chicago, Sydney e Dublin, pudessem organizar uma série de festas eucharisticas dignas de se imporem á admiração do mundo. Julgavam uns que a capital, entregue a uma municipalidade socialista e anticlerical na maioria, estava muito dividida em materia de crenças, a ponto de impossibilitar que o triumpho da Hostia fosse indiscutido e pacificamente esplendido; outros, habituados aos disturbios, aos tumultos por vezes sanguinolentos, com que terminam muitissimas vezes as reuniões internacionaes de football, julgavam as massas populares dessa cidade cosmopolita radicalmente incapazes de se manterem devidamente disciplinadas.

Graças a Deus, o successo final devia dar, a todos os pessimistas e a todos os timidos, o mais retumbante desmentido.

Em preparação, organizava-e e levava-se adeante a instrucción do povo christão relativamente ao Congresso. A's conferencias vieram juntar-se para logo artigos de jornaes e de revistas, folhas volantes e

brochuras, até mesmo livros, como aquelle em que o R. P. Henrique Alla, sacerdote da Congregação do Santissimo Sacramento, resumiu de maneira succinta, mas bastante exacta e muito viva, a historia dos grandes Congressos eucharisticos internacionaes.

Para esse povo realizador, a melhor preparação devia consistir em factos. Seguindo instrucções dos senhores bispos, os catholicos argentinos apprehenderam, pois, toda uma série de Congressos eucharisticos parciaes, que deviam ser como ensaios particulares ou geraes do grande acto final. No fim de um anno, pelos mezes de setembro e de outubro de 1933, o ambiente, mais que saturado, permittiu que os Congressos diocesanos de Tucuman, Rosario e Cordoba fossem grandiosas manifestações; dissiparam-se desde então desconfianças e temores; excederam-se as mais ousadas previsões; a alma catholica da Argentina começava a revelar-se a seus filhos. Seguros de si mesmos, iam ousar, e a audacia mais uma vez, leva-los-ia á victoria.

Dessas tres grandes experiencias, deprehenderam-se, entre outras, tres lições: em Tucuman, tinha sido possivel reunir no pateo do quartel de cavallaria, para uma missa militar ao ar livre, oitocentos homens de tropa; quasi todos receberam a communhão — alguns a primeira communhão, — varios delles o baptismo. Porque não fazer o mesmo em Buenos Aires, em mais larga escala?

Em Rosario, cidade famosa por seu materialismo e socialismo irreligioso, tinha sido possivel reunir cinco ou seis mil homens, que desfilaram uma tarde, através das ruas da cidade, empunhando tochas e escandindo a marcha ao brado de "Deus, Patria, Familia". Porque não convidar os homens de Buenos Aires a um desfile em massas compactas, ou mesmo á communhão collectiva e publica, no coração da cidade, em a historica Plaza de Mayo?

Em Cordoba, tinham sido conduzidas, sem accidente, ás alamedas do Parque Sarmiento, dezoito mil crianças, para uma missa de communhão geral, summamente commovedora. Não se poderia fazer o mesmo e melhor em Buenos Aires?

Interrompidas pelos fortes calores de verão, que tyrannizam a Argentina no tempo em que o inverno reina entre nós, as "grandes manobras eucharisticas" recommçaram com maior pompa em maio de 1934. La Plata, Paraná, Salta..., seria necessario mencionar aqui todas as dioceses, pois cada qual queria ter o proprio Congresso e cada uma se esforçava por não ficar inferior ás outras.

Foi uma mobilização nacional eucharistica. Nunca, nos mais bellos e nos mais fervorosos dos nossos recentes Congressos, se tinha ido tão longe quanto á preparação sobrenatural. E bastaria isto para

termos o direito de affirmar: o Congresso de Buenos Aires igualou, si não superou, o que as maiores, as mais antigas, as mais fervorosas nações do mundo souberam e puderam fazer até agora para honrar a Nosso Senhor no Santissimo Sacramento.

A' medida que se approximava a data do grande acontecimento, intensificava-se o movimento de propaganda. Primeiro foram as parochias que quizeram, cada qual por sua vez, ter um dia, um triduo, uma semana eucharistica; eram outros tantos congressos parciaes, com missas de communhão collectiva para homens, senhoras, moços e moças; com uma concentração de crianças, primeiras communhões em grupos, e principalmente com procissões: pois, como se sabe, para a piedade sul-americana, herdeira assim das tradições hespanholas como das italianas, o desdobramento das theorias liturgicas por entre todas as camadas da massa popular, no meio de acclamações e de flores, é um dos elementos essenciaes do culto.

A seguir, mais ainda se estendeu a impulsão: cada grupo, cada collectividade social entrou em movimento; houve dias eucharisticos nos conventos e nas congregações, já se entende; mas tambem nos hospitaes, nas casas de saude, nos asylos, nas casas de correcção, nas prisões. O lazareto teve o seu dia, que não foi o menos commovedor. Pessoas zelozas organizaram tambem uma pequena missão ambulante pelas usinas e fabricas; associaram á mesma o proprio pessoal algumas das grandes casas de commercio.

E com mais de um anno de antecedencia os fructos espirituaes do Congresso já se revelavam maravilhosos. Em uma casa de saude, assistida por religiosas, havia sete medicos que, quasi todos, desde varios annos, negligenciavam a pratica dos sacramentos. Quando, com assentimento do director, se celebrou nesse estabelecimento o Dia de Adhesão ao Congresso eucharistico, os sete facultativos se ajoelharam junto á sagrada Mesa. Varios hospitaes e casas de saude offereceram espectaculo analogo. Em uma das principaes prisões, dois tempos dos internados vieram espontaneamente confessar-se e commungar. De um a outro extremo do territorio argentino, ouvia-se falar de pessoas que maravilhosamente se voltavam para Deus.

Poder-se-ia julgar, é verdade, que essa attracção para a Eucharistia era, e não questão como de arrastamento e de contagio moral, ao menos sobrevivencia quasi instinctiva de um rito ancestral e rotineiro. Tratando-se de um povo impulsivo, a suspeita não seria desprovida de fundamento. Mas, justamente por isso, a autoridade ecclesiastica tomára cuidado de, provocando muito embora manifestações exteriores, intensificar a educação eucharistica das massas.

Em todos os estabelecimentos catholicos de instrucção e em todos os numerosos "centros catechisticos" que se esforçam por supprir ao laicismo absoluto das escolas officiaes, instituiu-se um concurso nacional de catecismo e grande numero de outros concursos regionaes ou locaes. O programma comprehendia um verdadeiro Tratado de Eucharistia, minuciosamente traçado em seus minimos pormenores, para offerecer um programma assim completo como conciso aos catechistas e a todos quantos deviam ensinar. Obrigados a preparar os proprios alumnos para as provas eliminatorias, e isso durante varios mezes, os professores por primeiro se puzeram a aprender ou a reaprender o que deviam ensinar, e isso não foi pequena vantagem.

Ao mesmo tempo, organizavam-se concursos do mesmo genero nos institutos de ensino secundario e mesmo superior. Os resultados, mais de uma vez, causaram feliz surpresa até mesmo aos iniciadores. Na série, por exemplo, das composições escriptas, apresentadas pelas jovens que frequentam o "Centro de estudos religiosos", sob a esclarecida direcção de Monsenhor Devoto, bispo auxiliar de Buenos Aires, havia trabalhos que certamente poderiam ser coroados pelo Instituto Catholico de Paris e varios dos quaes, além disso, se apresentavam sob uma capa ornada de artisticas aquarellas ou de finas miniaturas.

Os meios academicos não puderam tão pouco ficar extranhos ao fervor ambiente. E' verdade que a instrucção publica na Argentina é neutra; é verdade que os elementos antireligiosos se colligaram contra o ministro da Educação nacional para recordar ao mesmo a obrigação dessa neutralidade official e para celebrar estrepitosamente o cincoentenario da instituição da mesma. Não se pôde impedir que milhares de crianças fossem ás aulas com o distinctivo do Congresso; outros milhares e milhares fizeram com que seus paes assignassem o pedido de participação da infancia ás festas. Cinco mil professoras publicas reuniram-se, em um domingo, na cathedral para uma comunhão geral. Chegou, por fim, a vez das Faculdades superiores; e foi sob a direcção do decáno em pessoa que a maior parte dellas celebrou o dia eucharistico, em adhesão ao proximo Congresso. Não menos que a alma e o coração, estava conquistada a intelligencia do bravo povo argentino.

A elle devia unir-se o universo, para o Congresso eucharistico ser verdadeiramente internacional. Moveram-se em boa hora as Republicas sul-americanas. Varias dentre ellas, como a Bolivia, a Colombia, o Chile, o Paraguay, o Peru', deviam fazer-se representar officialmente nas grandes solemnidades de outubro por alguma elevada figura ec-

clesiastica, por um leigo de destaque, mesmo pelo proprio embaixador revestido de uma missão extraordinaria. O Brasil, desse immenso continente o unico paiz que não fala hespanhol, e irmão mais velho cuja alma profundamente catholica teria podido sentir-se intimamente ciosa da grande honra concedida á sua irmã, a Argentina, o Brasil, sem discordancia e com enthusiasmo, unira sua voz ao concerto. Sua Eminencia o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro dava a nota quando, em seu admiravel discurso de encerramento do Congresso Eucharistico Nacional, reunido na Bahia, proclamava, a 10 de setembro de 1933, sua intenção de ir a Buenos Aires com uma imponente escolta de bispos brasileiros, promessa que se devia realizar brilhantemente. Em cada uma das Republicas sul-americanas, apesar das difficuldades materiaes de communicação, das quaes não faz idéa a maior parte dos Europeus, puzeram-se a preparar peregrinações, sacerdotes e fiéis.

Mas porque, apesar de todos os desejos e de todos os esforços, a immensa maioria dos habitantes não se poderia transportar para Buenos Aires, era mistér que Buenos Aires lhes fosse ao encontro, com as graças sobrenaturaes do Congresso. Coberta ao Radio a missão maravilhosa de, durante os magnos dias de outubro, associar ás emocionantes peripecias das festas liturgicas os crentes do mundo inteiro, e especialmente os da America hespanhola. Para lhes tornar ainda mais gratas e salutaes essas emoções religiosas, cumpria preparal-os para as mesmas, como se vinham preparando desde varios mezes os proprios argentinos. Tal foi a idéa que deu origem á **Missão radio-telephonica internacional**, uma das mais genias iniciativas que tenham assignalado a preparação do Congresso de Buenos Aires.

De 15 a 22 de setembro ultimo, as ondas sonoras propagaram-se, cada tarde, da cathedral de Buenos Aires, através do mundo inteiro, transmittindo as palavras apostolicas de dois oradores sacros: era um delles o Padre Caggiano, capellão geral do exercito argentino e que se ia tornar, poucos dias depois, bispo de Rosario; era o outro Monsenhor Franceschi, prelado bem conhecido em Buenos Aires como o sacerdote mais bem informado acerca das doutrinas sociaes catholicas e o mais zeloso em as diffundir.

Ha, na America do Sul, pelos menos quarenta e tres milhões de homens que falam hespanhol; serão trinta e dois milhões na America central, nas Antilhas e no Mexico; vinte e quatro milhões na Europa. Era, pois, para cem milhões de alma que se evolava essa quotidiana exhortação eucharistica: missão de um novo genero, nova prova da

aptidão que tem a Igreja Catholica, de tirar proveito das mais recentes invenções scientificas para apressar o advento do reino de Deus.

Certo, não chegou a cem milhões o numero de pessoas attingidas, esclarecidas e convertidas. Mas na Argentina, em toda a America do Sul, onde são raras e muitas vezes más as estradas, innumeraveis são as casas, mesmo modestas, que possuem um posto de T. S. F. Innumeraveis foram tambem as igrejas, as capellas, as salas de conventos e de collegios em que se reuniram os fiéis para ouvir piedosamente a palavra sagrada. A Missão radio-telephonica internacional foi seguida, e produziu frutos de conversão muito além do continente sulamerica-no: disto deram consolador testemunho emocionantes cartas, procedentes de Londres, de Hamburgo, de Paris, eendereçadas aos organizadores da Missão.

Seria profundamente injusto esquecer, na preparação espiritual do Congresso, o contingente sobrenatural das orações, communhões e boas obras que constituem o que communmente se chama o Thesouro espiritual. Com muito tempo de antecedencia, em o mundo inteiro, almas piedosas multiplicam as supplicas, os sacrificios, principalmente as communhões, para que o futuro Congresso internacional seja um retumbante triumpho da Hostia. A maior parte desses meritos sobrenaturaes, só a Deus offerecidos, não serão conhecidos senão por Elle. Ninguém, por exemplo, a não ser uma superiora immediata e um director de consciencia, saberá neste mundo o nome de uma joven religiosa argentina que, alguns mezes antes das festas de outubro, sabendo e mesmo sentindo que estava condemnada a morrer de tuberculose, offerencia cada dia a Deus, sorridente, o restinho de uma vida insignificante e o fervor de uma alma preciosa, para que o Congresso de Buenos Aires, do qual ella não veria nada, fosse solemne e magnifico...

(Termina no proximo numero).

Bibliographia ?